

ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade

Autor: Aspirante-Aluno de Infantaria Rui Guilherme da Silva Ribeiro

Orientador: Major de Artilharia “OEsp” Diogo Lourenço Serrão

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, abril de 2021



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade

Autor: Aspirante-Aluno de Infantaria Rui Guilherme da Silva Ribeiro

Orientador: Major de Artilharia “OEsp” Diogo Lourenço Serrão

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, abril de 2021

EPÍGRAFE

“As we are all aware, Special Operations Forces, SOF, are playing an increasingly essential role as we continue to fight and, more importantly, win the war on terror.”

Robin Hayes

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese de mestrado a todos os militares de Operações Especiais, que enfrentam muitas vezes adversidades que os comuns dos mortais não seriam capazes de compreender através de palavras.

Com a evolução do paradigma da forma de combater urge a necessidade de analisar ameaças complexas, adaptar procedimentos de combate e executar missões onde a sua convencionalidade é quase nula. Este trabalho só poderia ser entregue às forças mais treinadas, como são as Operações Especiais.

“Deus dá as batalhas mais difíceis aos seus melhores soldados”

Papa Francisco

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho de investigação aplicado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer ao meu orientador, Major “OE” Diogo Lourenço Serrão, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que me sempre me ajudou a compreender esta realidade fundamental no estudo paradigmático da Guerra.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus camaradas do Curso General José Augusto de Simas Machado, mas com especial atenção aos meus camaradas do Tirocínio para Oficial de Infantaria 2020/2021 cujo apoio, motivação, camaradagem, amizade e espírito de sacrifício estiveram sempre presentes neste período de formação memorável a todos aqueles que passam pelo mesmo.

Agradeço a todos os meus amigos, que de forma direta ou indireta contribuíram de forma excecional para o meu bem-estar físico e psicológico, mesmo quando as condições para o nosso encontro não se apresentavam como as mais favoráveis.

Por último, quero agradecer à minha família, especialmente aos meus pais, irmã Inês e avó Maria Emília por todos os momentos de afeto, carinho e ajuda que me proporcionaram, quer em ajudar-me na recuperação da fadiga acumulada neste período, quer nos momentos de partilha, onde forma sempre compreensíveis da realidade que enfrentava.

A todos vós um muito obrigado,

Rui Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho de investigação incide sobre o tema “A Importância das Forças de Operações Especiais (FOE) na Guerra Híbrida (GH) na Atualidade”.

O objetivo desta investigação será identificar os aspetos a melhorar por parte da FOE no combate na GH da atualidade, tendo como base as necessidades operacionais e características das Ameaças Híbridas (AH). Pretende-se identificar os principais aspetos a mudar nos vetores de desenvolvimento. Doutrina, Treino e Interoperabilidade.

Atualmente, o panorama da GH divide-se em termos de aceitabilidade da comunidade científica, porém o que consideramos nesta investigação foi a perspetiva do MCDC o qual considera a GH como uma fase do conflito não convencional, resultante de um escalar desde as AH, na qual a FOE tem de ter muitos mais fatores em conta.

Sendo assim, para a realização deste trabalho foi escolhido o método hipotético-dedutivo, de forma a estruturar todo o processo de investigação. Foi realizada uma revisão bibliográfica de forma a enquadrar conceptualmente a temática em questão. Foram recolhidos dados através da realização de três, sendo que o seu tratamento se fundamentou no valor qualitativo das mesmas. Os resultados obtidos permitiram identificar as principais potencialidades e limitações quanto à capacidade da FOE no combate a AH sendo que esta deverá possuir de forma a cumprir com as tarefas exigidas a este tipo de força. A capacidade de emprego deste tipo de força terá um conjunto de variáveis, nomeadamente o treino em cenários de presença de AH, assim como a dinamização da investigação por parte dos militares da FOE nesta vertente de conflito, mas também a interoperabilidade da FOE com as forças congéneres das forças armadas e das forças de segurança.

Palavras-Chave: Força de Operações Especiais, Ameaças Híbridas, Guerra Híbrida

ABSTRACT

This research work focuses on the theme "The Importance of Special Operations Forces (SOF) in Hybrid Warfare (HW) today".

The objective of this research will be to identify the aspects to be improved by the SOF in today's HW combat, based on the operational needs and characteristics of Hybrid Threats (HT). It is intended to identify the main aspects to be changed in the development vectors. Doctrine, Training and Interoperability.

Currently, the HW panorama is divided in terms of acceptability by the scientific community, but what we considered in this research was the Multinational Capability Development Campaign 's perspective, which considers HW as a phase of unconventional conflict, resulting from an escalation from the HT, in which the SOF has to take many more factors into account.

Therefore, the hypothetical-deductive method was chosen in order to structure the whole research process. A literature review was conducted in order to conceptually frame the theme in question. Data were collected through three surveys, and their treatment was based on their qualitative value. The results obtained allowed us to identify the main potential and limitations of the SOF's ability to combat HT, which it must possess in order to fulfill the tasks required of this type of force. The employment capacity of this type of force will have a set of variables, including training in scenarios where HT are present, as well as the promotion of research by the SOF military in this aspect of conflict, but also the interoperability of the SOF with similar forces of the armed forces and security forces.

Key-Words: Special Operations Force, Hybrid Threats, Hybrid Warfare

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	18
1.1 Evolução Conceptual do termo Guerra Híbrida	18
1.2 Modelo de Análise das Ameaças Híbridas	21
1.3 As Operações Especiais (OpEsp)	22
1.3.1. Forças de Operações Especiais (FOE)	23
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	29
2.1 Metodologia.....	29
2.2 Métodos e Materiais	29
CAPÍTULO 3 - CARATERIZAÇÃO DAS AMEAÇAS HÍBRIDAS NO ATUAL CONTEXTO OPERACIONAL	31
CAPÍTULO 4 - CAPACIDADES DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS PORTUGUESAS NO COMBATE A AMEAÇAS HÍBRIDAS.....	37
CAPÍTULO 5 – MELHORAMENTO DA CAPACIDADE DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS NO COMBATE A AMEAÇAS HÍBRIDAS	44
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTA - COMANDANTES.....	I
APÊNDICE B – GUIÃO DE ENTREVISTA – BForm/CTOE	VIII
APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA - OUTROS.....	XII
ANEXO A – Fotos. Do Exercício Flintlock 2020 da FOE	XVII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº1 – Representação do espectro do conflito não convencional.....	20
Figura nº2 – Modelo de análise de ameaças Híbridas.....	22
Figura nº 3 – Escalação da Guerra Híbrida	33
Figura nº4 – Ameaças Híbridas e Guerra Híbrida na evolução do conflito.....	34
Figura nº5 - Fases e atividades.....	34

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Hybrid Threats Toolbox	37
Quadro 2 – Conceito da FOE	38
Quadro 3 – Capacidades da FOE	47
Quadro 4 – Quadro de Entrevistas.....	53

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Guião de Entrevista – Comandantes.....	I
Apêndice B - Guião de Entrevista – BForm/CTOE.....	VIII
Apêndice C – Guião de Entrevista – Outros.....	XII

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Fotos do Exercício Flintlock 2020 da FOE.....	XVII
---	------

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AH	Ameaças Híbridas
AJP	Allied Joint Doctrine for Special Operations
AM	Academia Militar
AOp	Área de Operações
BGen	Brigadeiro-General
CCOE	Comando de Componente de Operações Especiais
CEMGFA	Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas
CHT	Countering Hybrid Threats
DAE	Destacamento de Ações Especiais
EP	Exército Português
FFAA	Forças Armadas
FOE	Força de Operações Especiais
FZ	Fuzileiro
GH	Guerra Híbrida
GIOE	Grupo de Intervenção de Operações Especiais (GNR)
GOE	Grupo de Operações Especiais (PSP)
HTT	Hybrid Threat Toolbox
JCEPC	Joint Communication to the European Parliament and the Council
JCS	Joint Chief Staff
JIATF	Joint Interagency Task Force
MCDC	Multinational Capability Development Campaign
NATO	North Atlantic Treaty Organization
NSHQ	NATO Special Operations HeadQuarters
OE	Objetivo Específico
OG	Objetivo Geral
OpEsp	Operações Especiais
OTAN	Organização do Tratado do Atlantico
PD	Pergunta Derivada
PP	Pergunta de Partida
PRT	Portuguesas
RCFTIA	Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

SIS	Serviço de Informações de Segurança
SOTG	Special Operations Task Group
SOTU	Special Operations Task Unit
TF	Task Force
TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos
U.S	United States
UAV	Unmanned Aerial Vehicle

INTRODUÇÃO

O respetivo Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA), intitulado “A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade”, representa um passo necessário à conclusão do ciclo de estudos dos mestrados integrados da Academia Militar (AM), para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria.

A Guerra Híbrida (GH) e ameaças híbridas (AH) são conceitos que ganham relevo com os acontecimentos na Ucrânia em 2014, em que a Rússia combinou ações, recorrendo aos diversos instrumentos de poder, para alcançar os objetivos políticos. Assim, em oposição ao conceito de “*Military Centric Warfare*” que se ancora no domínio militar, a GH passa por um conjunto de ações impelidas nos mais diversos domínios, que visam criar ambiguidade e *stress* nos processos de decisão dos Estados democráticos. (JPEC, 2016)

O combate das AH constitui um desafio para os Estados e Organizações Internacionais, porque estas vivem no foro da impossibilidade de deteção imediata por atuarem numa “*Grey Zone*” com limites difusos e mal definidos. Usam os *media* sociais como arma para propaganda, *fake news*, manipulando a população e corroendo governos e sociedades. (Hoffman, 2019c)

Assim o estudo desta temática é fundamental para a compreensão da presente realidade conflitual, porque a ameaça híbrida tem uma ação focada na população, nomeadamente com recurso às campanhas de desinformação, o que molda os comportamentos e atitudes alinhando-as com os objetivos políticos e estratégicos dos atores que usam este *modus operandis*. (Hybrid-CoE, 2020)

É importante evidenciar que tais circunstâncias enformaram a criação de um Centro de Excelência para o combate a AH, com grande participação da comunidade científica, Organizações Internacionais e países membros sobre como prevenir e combater este tipo de ameaças.

Pela natureza e contextos de emprego, as Forças de Operações Especiais (FOE) têm sido aposta noutros países NATO para a prevenção e o combate das AH, devido às suas capacidades e contexto de emprego.

É importante reter que este tema constitui um importante pilar para a nossa formação e obtenção de conhecimento porque as AH configuram as ameaças futuras. Nos

conflitos atuais, as AH prosperam, no anonimato e aproveitam fricções na população para abalar as estruturas de poder a nível da Estratégia Total de um Estado. Podem utilizar diferentes formas de coação, como políticas, económicas, psicológicas, e também militares. (Hoffman, 2019b)

As FOE são, no vetor militar, a melhor capacidade para impedir que as AH atinjam o centro de gravidade dos alvos visados, pois operam em escalões reduzidos com uma pequena pegada logística. Estas capacidades têm de ser empregues, porque o papel desempenhado pelas FOE neste tipo de conflito surge como um papel de influência do meio em que se inserem estando assim infiltrados no território da força opositora. (Hoffman, 2019a)

Sendo assim, o objetivo geral (OG) desta investigação, e respetivo trabalho de campo, será a análise das capacidades das Operações Especiais Portuguesas na GH de acordo com a tipologia da missão a executar, e subseqüentes potencialidades e limitações.

Para alcançar este objetivo geral, delimitei três objetivos específicos (OE), com vista a produzir conhecimento acerca das capacidades inerentes a uma FOE, de acordo com as necessidades exigidas para o combate neste tipo de conflito, como também a forma a identificar uma estrutura eficiente ao emprego desta força. Apresentam-se seguidamente os OE:

OE1 – Identificar principais características das AH no contexto operacional.

OE2 – Analisar a capacidade das Operações Especiais Portuguesas.

OE3 – Analisar a empregabilidade / adequabilidade das Operações Especiais Portuguesas no Combate às AH.

Sendo assim, formulou-se a seguinte Pergunta de Partida (PP): “Quais os contributos que permitem capacitar as Operações Especiais fazer face às AH?”

Tendo em conta as perguntas derivadas decidimos dividir o estudo em três partes, a caracterização das AH, a capacidade da FOE e o melhoramento da capacidade da FOE, sendo que surgiram as seguintes perguntas que abordam estes pontos e corroboram com os objetivos específicos.

PD1 – Quais as principais características das AH no contexto operacional?

PD2 – Qual a capacidade das Operações Especiais Portuguesas, nos VD Treino, Doutrina e Interoperabilidade?

PD3 – Como pode a capacidade das Operações Especiais melhorar, no combate da GH da Atualidade?

A estrutura do RCFTIA formula-se em sete capítulos, divididos sucintamente em

duas partes.

Na primeira parte do trabalho surge o enquadramento teórico, subdividido em dois capítulos. No primeiro, é feita a análise do estado da arte relativo a toda a envolvente teórica relacionada com a GH, continuando com as capacidades das Operações Especiais e de que forma é a sua atuação no combate a AH, tendo em base a doutrina NATO.

No segundo capítulo apresenta-se a metodologia aplicada neste trabalho, particularizando em metodologia, métodos e materiais. Adicionalmente, apresentam-se a PP e subsequentes PD. Seguem-se os métodos de procedimento, as tipologias de fontes de Informação e os tipos de instrumentos científicos utilizados no decorrer do estudo.

A investigação está delimitada nos domínios temporal, espacial e conceptual (Santos & Lima, 2016, p. 44). Ao nível temporal, o estudo será delimitado a partir de 2014, data da intervenção do conflito da Crimeia, que marca uma alteração da conceptualização das AH. Espacialmente, o estudo será delimitado ao emprego da FOE do CTOE. Quanto ao conteúdo, a presente investigação irá limitar-se apenas às AH que possam ser combatidas pelo mecanismo de resposta militar. No que concerne à FOE este estudo será orientado para a análise dos vetores de desenvolvimento Treino, Doutrina e Interoperabilidade

O terceiro capítulo é dividido em três partes. Inicialmente, caracterizamos as AH e analisamos empregabilidade da capacidade das FOE neste contexto para propomos como melhorar apropriar a referida capacidade na GH.

Depois, no quarto capítulo, será realizada a apresentação, análise e discussão dos resultados, com base no conteúdo obtido através das entrevistas realizadas e associando elemento bibliográficos de referência nacional e internacional com o intuito de robustecer o conhecimento trabalho obtido na investigação.

No quinto e último capítulo da investigação deste trabalho serão apresentadas as conclusões e recomendações, procedendo-se com as respostas às PD e PP, sendo que posteriormente será realizada uma reflexão final assim como algumas recomendações.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Evolução Conceptual do termo Guerra Híbrida

Para o estudo da temática da GH é importante revisitar a sua evolução concetual, porque as definições iniciais não abrangem todos os pontos enunciados no novo modelo de análise das AH.

O termo GH começa a ser discutido em 1998 com o Tenente Robert Walker, que apresenta as GH como um intermédio entre Guerra convencional e Guerra não-convencional, acabando assim por concluir que as *Marine Expeditionary Units* seriam as forças mais adequadas para combater as AH. (Steder, 2016).

Porém, o primeiro acontecimento notável com GH foi o conflito do Hezbollah, na Guerra Israel-Líbano de 2006, onde se empregou uma série de táticas diferentes contra Israel, que incluíram a guerrilha, o uso inovador de tecnologia e campanhas efetivas de informação, coordenadas com operações militares, como também a guerra cibernética e atividades criminosas com o objetivo de equilibrar a balança do poder militar, que se apresentava muito favorável a Israel. (Hoffman, 2009a).

No entanto, o conceito de GH só aparece devidamente concetualizado em 2007, quando Hoffman, evidenciou que a superioridade dos EUA em campo de batalha está a influenciar os outros atores a abandonarem a forma tradicional de se fazer a Guerra. (Guindo, 2015). Neste artigo é assim formulada uma nova noção de GH que se apresenta como um conflito de natureza polimorfa, ao contrário das anteriores formas de fazer a guerra. As GH podem ser conduzidas por atores estatais e não-estatais, que permitem empregar capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, como também atos terroristas e crime descontrolado. (Hoffman, 2007).

No ano de 2009, Frank Hoffman melhora a sua abordagem ao conceito de GH quando afirma que esta cria um ambiente operacional em que o Ocidente não está preparado a combater e onde as Forças Armadas (FFAA) se deverão mostrar adaptáveis, sendo para tal necessário, uma evolução de mentalidades, estruturas e da própria organização. (Hoffman, 2009b, p. 33 a 39).

De forma a complementar as perspetivas anteriores surge assim Peter Pindják que afirma que o centro de gravidade na GH é a população. (Pindják, 2014). Em 2016, Galeotti analisa o marco mais importante para a conceptualização de GH, o conflito da

Crimeia em 2014. Neste conflito as FOE russas sem as insígnias deram início a uma nova era de conflito, entendida como um novo tipo de *guerrilla geopolitics* na tentativa de enquadrar as suas ambições regionais com recursos bastante limitados. De qualquer forma, Galeotti designou esta forma de conduzir operações como Guerra Não Linear e ao invés de GH (Galeotti, 2015).

Do lado russo surge o General Valery Gerasimov, afirmando que o termo GH é um termo ocidental e que a forma de conflito desenvolvida se baseia em *proxies* e substitutos para dificultar a implementação das ações dos atores e maximizar a confusão e incerteza. É apresentada assim uma nova noção de GH, como uma série de ações hostis das quais a força militar é, apenas, mais uma forma, onde existe o objetivo de enganar, minar, subverter, influenciar e desestabilizar a sociedade de forma a coagir ou substituir governos soberanos. Esta mudança de paradigma impulsiona o debate ocidental sobre o papel das FOE e das comunicações Estratégicas (Monaghan, 2016).

Posteriormente McKew aprofunda a teoria de Gerasimov em 2017, afirmando que as ferramentas apresentadas têm como objetivo final o “Caos”, pretendendo-se assim atingir um nível instabilidade e agitação dentro do estado inimigo, moldando o ambiente operacional a favor do ator que usa ameaças híbridas. É importante evidenciar que o elemento novo é a maior importância dada ao enfraquecimento do opositor que ao êxito do vencedor, propriamente dito. (McKew, 2017). Nesse mesmo ano, Maciej Podloch, contribui afirmando que a GH influencia a sociedade física e psicologicamente, na medida que a força assimétrica usa ferramentas como a televisão ou a internet para influenciar o comportamento das pessoas, mostrando não apenas os ataques perpetrados, mas também as consequências resultantes. Concluindo, as AH usam mais o impacto gerado na sociedade que nos próprios combatentes (Podloch, 2017).

Este mesmo autor apresenta uma noção relevante de GH, onde explica que apesar de elementos novos, se mantém uma matriz de combinação de métodos militares, como guerra irregular, guerrilha, sabotagem, subversão e atos terroristas adicionando os efeitos causados pela informação e desinformação, guerra económica e cibernética (Podloch, 2017).

Gregory Treverton veio redimensionar, em 2018, o significado de AH, apresentando à comunidade científica, alterações significativas no contexto de segurança internacional do século XXI, devido à sua influência (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, & McCue, 2018).

A maior novidade resultante da sua análise foi ampliar a combinação de métodos

militares para outras que extravasam tal domínio, impulsionado pelas novas tecnologias, efeitos da globalização e da transformação do poder relacional. O rápido desenvolvimento tecnológico em especial a dimensão cibernética veio criar, novas oportunidades para os mais fracos executarem ações através das redes, maximizando assim os efeitos da sua influência. O autor afirma que o mundo cibernético transforma o espaço de intervenção reduzindo o espaço geográfico a uma nulidade. (Treverton, 2018)

Outro fator evidenciado pelo autor é a reação de diferentes culturas, religiões entre outras variáveis às informações produzidas e rapidamente propagadas através dos media e das redes sociais, o que leva a concluir que a natureza mutável do conflito esbate a divisão entre paz e guerra, dificultando a justificação legal do emprego das FFAA catapultando a perigosidade destas ameaças (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, & McCue, 2018, pp. 1, 2). O autor termina, afirmando que o que define as AH do presente século é a simultaneidade e complementaridade no emprego de diferentes ferramentas com vista em atingir um objetivo final comum (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, & McCue, 2018, p. 45).

De forma a dar continuidade ao pensamento de Treverton, surge um projeto britânico “*Multinational Capability Development Campaign*” (MCDC) que afirma que a GH necessita da utilização sincronizada de meios militares e não militares contra os pontos fracos do opositor de forma a obter os efeitos pretendidos. Para o MCDC, as AH e a GH são duas fases distintas do espectro do conflito, onde a guerra irregular, o terrorismo e os conflitos de baixa intensidade se situam entre estas duas fases.

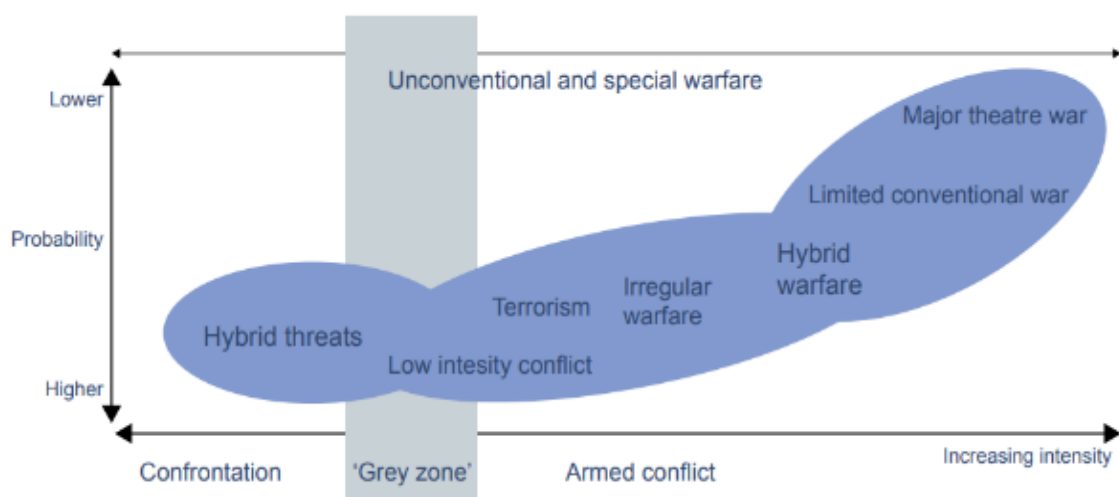


Figura nº1 – Representação do espectro do conflito não convencional

Fonte: (MCDC, 2019, p.4)

1.2 Modelo de Análise das Ameaças Híbridas

A compreensão desta temática da GH depende da análise de quatro pilares, que tornam possível o entendimento total de AH, sendo eles:

- ✓ Atores (e os seus objetivos estratégicos)
- ✓ Ferramentas utilizadas pelos atores
- ✓ Domínios que são alvo por parte desses atores
- ✓ Fases (incluindo os tipos de atividades observadas em casa fase)

É importante também salientar todo o modelo de análise tendo como base os pilares supracitados, sendo o produto final a formulação do *modus operandi* das AH.

O modelo inicia com o ator a escolher uma combinação de ferramentas de forma a atingir os objetivos estratégicos.

Estas ferramentas formam, em conjunto, a *Hybrid Threat Toolbox*, que pode variar dependendo do ator em questão (ator estatal ou ator não-estatal).

Cada ferramenta é capaz de afetar um, múltiplos domínios ou a interface entre eles. Adicionalmente, pode funcionar como um catalisador de efeitos, identificador de vulnerabilidades ou de janelas de oportunidade.

Em suma, o objetivo é alcançado pelo efeito direto de uma ferramenta num domínio, ou pelos efeitos sucedidos a este momento de atuação. Porém, a atividade de um domínio pode afetar um domínio completamente diferente, mesmo sendo detetada no domínio onde foi alvo primeiramente, conforme se visualiza (Figura 1)

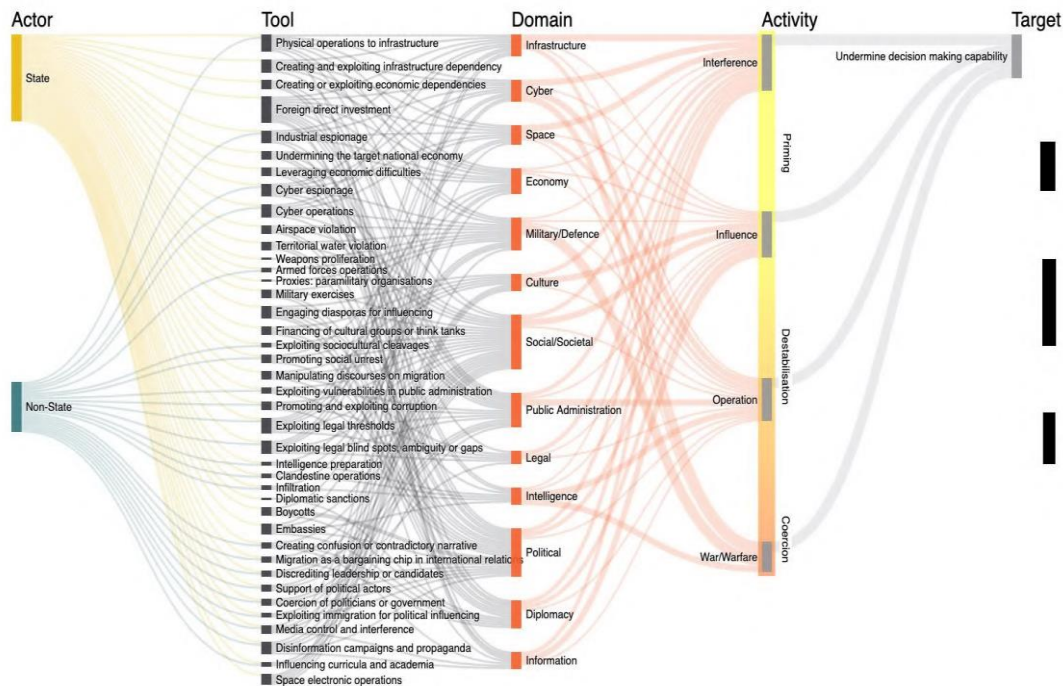


Figura nº2 – Modelo de análise de ameaças Híbridas.

Fonte: (MCDC, 2019)

Relativamente ao caso português, este assunto ganhou preponderância na medida em que se encontra em fase de redação o documento de enquadramento nacional de AH, que para além importante, na região do euro atlântico pode apresentar preocupações com a segurança externa, como também com a sua cooperação a nível internacional. (Santos J. A., 2016).

Por isso é de importância significativa perceber a capacidade do instrumento militar para atuar neste tipo de conflito, olhando assim ao que melhor se insere nas características deste tipo de ameaça, a Força de Operações Especiais.

1.3 As Operações Especiais (OpEsp)

Relativamente ao combate a AH, as OpEsp têm de assumir um carácter flexível, capacidade de projeção, ser sustentáveis, interoperáveis, mais informadas e tecnologicamente evoluídas. As forças convencionais não apresentam este tipo de capacidades devido ao facto de possuírem missões onde empregam grandes quantidades de violência sobre o opositor, mas neste caso o opositor apresenta-se no meio da população. Logo conclui-se que as forças mais capazes são as FOE, devido à sua natureza

e preparação específica neste âmbito de missões (Exército Português, 2010).

Na atualidade os meios convencionais e não convencionais são empregues em simultâneo e complementarmente, sendo que se dá o surgimento desta nova tipologia de conflito em 2014, a GH. (Fernandes, 2016).

Estas forças podem executar operações militares ou paramilitares que são conduzidas em zonas politicamente sensíveis em território inimigo ou controlado pelo mesmo, designando-se por Operações não-convencionais. podendo estas ser divididas em dois grandes grupos de operações: Operações Especiais ou Operações Irregulares (Exército Português, 2010, p. 4).

As Operações Especiais (OpEsp) podem ser realizadas em todo o espectro de conflito, conduzidas por forças selecionadas, treinadas, organizadas e equipadas, que utilizam técnicas, táticas e procedimentos (TTP) não padronizados por outro tipo de forças. Porém as suas atividades podem ter ações integradas com outro tipo de forças ou agências de forma a alcançar um estado final desejado (Exército Português, 2014, pp. 1-1).

No ano de 2019 a OTAN referiu que as OpEsp são atividades militares conduzidas por forças militares especialmente designadas, organizadas, treinadas e equipadas, usando técnicas e modos de emprego distintos. Essas atividades podem ser realizadas em todo o espectro de operações militares, independentemente, ou com forças convencionais. Também, a clandestinidade e a aceitação de um grau de risco político ou militar poderão conduzir a uma necessária de condução de operações clandestinas, não adequadas ao emprego de forças convencionais. As OpEsp visam criar efeitos de nível estratégico ou operacional ou são executadas onde existe risco político significativo (NATO, 2019c, p. 1).

1.3.1. Forças de Operações Especiais (FOE)

Segundo o Exército Português, as FOE garantem capacidades únicas, flexíveis e versáteis podendo ser empregues em qualquer ambiente operacional, atuando em efetivo reduzidos, integradas num Comando de Componente de Operações Especiais (CCOE) ou sob o comando de uma *Task Force* criada especificamente para um TO (Exército Português, 2014, pp. 1-3).

As nações precisam entender que as abordagens híbridas e o desenvolvimento da força se devem concentrar no domínio humano. As FOE focam-se neste domínio pelo seu

âmbito de emprego, nível de cooperação interna e externa. Esta cooperação bem materializada na *Joint Interagency Task Force* (JIATF), precisa de focar a sua recolha de Informação, não nos alvos militares tradicionais, mas na dimensão humana. Este trabalho deve estar alinhado com um fluxo de partilha de informações mais flexíveis (Vaczi, 2016).

Importa compreender que as FOE estão capacitadas para combater num amplo espectro de conflito, quer no apoio a forças convencionais, quer no âmbito do não-convencional. A sua realidade implica um treino de elevada exigência porque atuam em forças de baixo efetivo que tem missões que concorrem para a estratégia total do estado, missões estas que são de risco e complexidade elevados. Estas missões requerem também um comando especial (Jones, 2003), que no caso português é garantido pelo Comando da Componente de Operações Especiais do CCOM, na dependência direta do CEMGFA.

As FOE combinadas com as forças convencionais atuando numa forma de Guerra Híbrida (GI) oferecem não apenas um requisito para combater a GH, mas uma opção que abre mais possibilidades estratégicas de combate neste tipo de conflito (Porkoláb, 2014, pp. 6-14).

Conforme discutido no *NATO Special Operations Headquarters* (NSHQ), a JIATF representa um conceito comprovado para combater ameaças assimétricas. Além disso, fornecem uma oportunidade para a FOE conduzir a evolução dos esforços contra AH da OTAN. Quando implementado, o conceito da JIATF unirá as várias partes interessadas em organizações coesas e proativas. A JIATF devem ser vinculados a uma rede internacional, mediada pela aliança da OTAN, construindo integração e cooperação na luta contra AH. Por meio de conflitos anteriores e mudanças em tendências estratégicas globais, as FOE da OTAN provaram ser capazes de se adaptar às ameaças em evolução (Vaczi, 2016).

Em suma, as FOE surgem assim como o melhor elemento do instrumento militar para combater as AH que utilizam a influencia na população e exploração da tecnologia como catalisadores dos efeitos das suas ações, porque as FOE são capazes de atuar na Grey-Zone, ligando níveis de decisão estratégico, operacional e tático, como também atuar junto da população que se apresenta como o centro de gravidade das AH.

1.3.2. A realidade das FOE da OTAN no combate a AH

A OTAN precisa especificar as atividades do FOE da OTAN na guerra híbrida e Countering Hybrid Threats (CHT). A assistência militar, como uma tarefa central das FOE da OTAN, pode apresentar-se como a base das atividades contra AH das FOE da OTAN. No entanto, ajustes adicionais apoiam o desenvolvimento da FOE mais significativo à luz dos escassos orçamentos de defesa existentes. O reforço da resiliência dos estados como uma tarefa crucial da OTAN na guerra híbrida exige que as FOE da OTAN apoiem proactivamente esse esforço, treinando, desenvolvendo e mantendo as suas unidades especializadas em CHT (Vaczi, 2016).

É importante evidenciar que a primeira preocupação das FOE no CHT é o orçamento limitado apresentado pelos estados para o desenvolvimento desta força, porém esta realidade não se apresenta apenas para a GH. Esta realidade leva a atrasos na receção de equipamento e treino, o que leva a uma disponibilidade limitada da Força, que deverá ser mantida devido ao carácter imprevisível destas Ameaças, que obriga os estados a ter um planeamento e uma sensibilização situacional de toda a Força, principalmente nos órgãos que tomam decisões (NATO, 2019)

A segunda grande preocupação é o tempo de reação a um ataque desta envergadura, por dois motivos aparentes: primeiro porque no final da ação de um ataque de uma AH todos os esforços são desnecessários, e o segundo motivo apresenta-se como o facto de uma guerra Híbrida não apresentar uma duração previsível, o que torna a implementação de uma estratégia do tipo guerra de resistência como a solução mais plausível para o CHT (NATO, 2016)

A terceira preocupação é a complexidade e imprecisão da GH, o que pode levar a uma perceção equivocada ou um entendimento alternativo podem levar à confusão dentro dos órgãos que tomam decisões, podendo a decisão recair no domínio errado. (Lindley-French, 2015)

Mesmo com estas preocupações todas as FOE apresentam-se com as forças mais eficientes e preparadas do instrumento militar, que não é o único necessário no CHT. As FOE devem fornecer consciência situacional às populações, executar operações psicológicas, utilizar recursos cibernéticos e executar operações de suporte de informações militares, sendo o elo entre as forças convencionais, nação alvo e nação de origem (NATO, 2019c)

As FOE, de acordo com a doutrina da OTAN, devem estar também prontas para executar tarefas, como: reconhecimento e vigilância especial, a ação direta e a assistência militar (NATO, 2013).

Complementando, a (Joint Chiefs of Staff, 2014) afirma que, “a ação direta, reconhecimento especial, contra armas de destruição em massa, contraterrorismo, guerra não convencional, defesa interna estrangeira, assistência da força de segurança, resgate e recuperação de reféns, contrainsurgência, estrangeiro assistência humanitária, operações de apoio à informação militar e operações de assuntos civis ” são as principais tarefas das FOE dos EUA, como também o uso de forças de Operações Especiais e oposição interna para criar uma frente operacional permanente em todo o território do estado inimigo ações informativas

Modelo de Análise

TEMA		A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade					
Objetivo Geral		Análise das capacidades das Operações Especiais Portuguesas na Guerra Híbrida de acordo com a tipologia da missão a executar, e subseqüentes potencialidades e limitações.					
Objetivos Específicos (OE)		Questão Central		Quais os contributos que permitem capacitar as Operações Especiais fazer face às ameaças híbridas?			
		Questões Derivadas		Conceitos	Dimensões	Indicadores	Técnicas de Recolha de Dados
OE 1	Identificar principais características das ameaças híbridas no contexto operacional.	QD 1	Quais as principais características das ameaças híbridas no contexto operacional?	Ameaça Híbrida	Realidade conflitual	Foco das AH Modelo de Análise das AH Grey Zone	Análise Documental
OE 2	Analisar a capacidade das Operações Especiais Portuguesas.	QD 2	Qual a capacidade das Operações Especiais Portuguesas, nos VD Treino, Doutrina e Interoperabilidade?	Treino da FOE	Treino	Cenários, Exercícios de CAU, Treinos Internacionais e Nacionais	Análise Documental e Entrevistas
				Doutrina do Exército Português	Doutrina	Seguimento da Doutrina NATO por parte da FOE no CAH Existência de doutrina nacional Participação de elementos do EM da FOE em grupos de trabalho	Análise Documental e Entrevistas

						Investigação sobre o combate a Ameaças Híbridas	
				Interoperabilidade da FOE	Interoperabilidade	Terminal de Info com o SIS Info entre GIOE e FOE	Análise Documental e Entrevistas
OE 3	Analisar a empregabilidade / adequabilidade das Operações Especiais Portuguesas no Combate às Ameaças Híbridas.	QD 3	Como pode a capacidade das Operações Especiais melhorar, no combate da Guerra Híbrida da Atualidade?	Capacidade da FOE	Doutrina, Treino e Interoperabilidade	Aumentar o número de treinos cenarizados, quer nível nacional ou internacional Aumento do efetivo da FOE na investigação das AH Criação de um terminal de Info entre o GIOE, o SIS e a FOE.	Entrevistas

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1 Metodologia

O presente trabalho tem um carácter científico, pois a apresenta características que o justificam, como o facto de apresentar um objeto definido e reconhecido por vários elementos, como também surge com um tema único na temática de estudos da Academia Militar. A sua análise e estudo apresenta uma importância significativa para a confirmação ou não da veracidade da questão central apontada previamente para a sistematização do estudo (Eco, 2007, p. 51-55).

A implementação do método científico, revela muitas capacidades, como por exemplo, o agrupamento e associação de dados para análise, dando credibilidade ao produto resultante, tanto a nível dos resultados como a nível da aceitação na comunidade científica (Santos et al., 2016).

O tipo de investigação selecionado foi o método de investigação aplicada. Pretendemos com os resultados desta investigação analisar o estado da Capacidade das Operações Especiais (doutrina, interoperabilidade e treino), através da consulta de fontes primárias como de dados obtidos por outros autores. O objetivo final concluir o que se pode melhorar nas FOE para o combate às AH. (Santos et al., 2016).

2.2 Métodos e Materiais

No que respeita à metodologia iremos utilizar o método indutivo, porque através da análise dos resultados obtidos por outros autores em situações singulares vamos retirar generalizações de modo a formular uma lei ou teoria, resultando assim num paradigma atual deste tipo de conflito e como este se desenrola.

Surge assim a necessidade de empregar o método científico, com quatro fases. Na primeira é realizado o maior número possível de observações objetivas de modo a melhor perceber a realidade. Na segunda, é feita uma classificação e compilação dos dados observados de modo a identificar as características que são congruentes com o fenómeno examinado.

Na terceira fase, parte-se dos elementos que foram classificados na fase anterior e

procura-se inferir enunciados gerais. Por último, na quarta fase, os enunciados gerais formulados na fase anterior são verificados através de observações suplementares, surgindo assim o paradigma atual da realidade do conflito. (Santos et al., 2016).

Sendo este um estudo indutivo com objeto de estudo qualitativo. Deste modo, existe uma sequência de recolha, interpretação e análise de dados, que permite retirar conclusões e formular hipóteses que podem surgir de forma a ajudar a formular uma teoria (Newman e Benz, 1998 citado em Santos et al., 2016).

Os dados apresentam duas tipologias: primários ou secundários. Os primários resultam do contacto direto com a realidade estudada e os secundários resultam da análise de fontes que vivenciaram os contactos primários e refletiram a sua realidade através de textos (Vilelas, 2009 citado em Santos et al., 2016). Iremos recolher dados de autores especialistas, como Treverton, Hoffman, como também vamos retirar de fontes institucionais como o MCDC, NATO e Exército Português.

Por sua vez, a seleção dos dados é feita de forma a priorizar as análises de texto mais modernas, dá-se primazia a testemunhos documentais, que podem assumir a forma de artigos, de modo a serem incisivas no tema em questão (Almeida e Pinto, 1980, citado em Santos et al., 2016). Iremos selecionar os dados através de um modelo de análise com dimensões associadas aos OE da investigação, a estudar através de indicadores objetivos

Para Sarmento (2013) as entrevistas são a melhor forma de recolher os testemunhos não documentais, podendo ser classificadas relativamente ao modo, tipo, número de sujeitos e estrutura. Desta forma as entrevistas realizadas neste trabalho classificam-se como telefónicas, confirmatórias, individuais e estruturadas, sendo que a estrutura é a apresentada no capítulo 5 e destinam-se a confirmar as conclusões resultantes da análise do autor.

CAPÍTULO 3 - CARATERIZAÇÃO DAS AMEAÇAS HÍBRIDAS NO ATUAL CONTEXTO OPERACIONAL

Neste capítulo importa caracterizar as AH atuais, diferenciando-as do conceito de GH para que possamos entender a complexidade do seu *modus operandis* e assim compreender o porquê de se dever aplicar FOE para a sua prevenção e combate (capítulos seguintes).

Assim, lembramos que de acordo com (Pires, 2016, p.37) temos “GH quando temos a combinação de meios convencionais e não-convencionais, através tanto do uso da componente regular como irregular”. O objetivo passa por desestabilizar politicamente, refletindo-se esse impacto nos governos e nas instituições oponentes, ao criar caos e vazio de poder. É, no entanto, importante notar que os termos conflitos híbridos, GH, AH não têm uma definição universal, na literatura e não se podem compreender isoladamente. Ademais se afirma uma natural tendência para o uso de AH em vez de GH. De facto, a concetualização de guerra pode ser contraproducente para uma desejável consciencialização de “*whole-of*”, porque vinca o aspeto militar quando, já percebemos, que a prevenção e o combate de AH extravasam instrumento de poder militar.

Apesar de atualmente pouco mencionado, considerava-se conflitos híbridos como guerras de todo o espectro, cobrindo as dimensões físicas e concetuais, logo não se focar apenas no combate a um inimigo armado, mas de um combate mais amplo, procurando o controlo e o apoio da população indígena da zona de combate, o apoio nacional e a aceitação da comunidade internacional (Glenn, 2018).

Esta curiosa ideia de todo o espectro já discorria a Rupper Smith quando apresenta o livro “The Utility of Force” com a declaração inicial de não mais existir guerra, mas sim perdurar por todo o mundo conflitos, confrontos, combates, mas a guerra como a conhecemos, não. Queria o autor afastar a carga cinética caracterizadora das guerras passadas, para um redimensionar de ações e efeitos que superariam apenas o escopo militar.

Assim, concetualmente GH assemelha-se a um processo de progressiva deterioração das sociedades alvo. Como se dá essa deterioração? Através de uma combinação de atos em que o recurso ao instrumento militar é menos observado e, em parte, quase evitável. Ou seja, reconhece-se como fundamental a articulação entre a dimensão física e concetual de Glenn, para a derrota do inimigo, numa combinação,

assolando ao efeito do todo ser mais nefasto que o da soma das partes. Há ainda o aspeto do desequilíbrio das forças militares. Guerrear de forma híbrida é procurado pelos atores sem apetência para o conflito militar por não terem equilíbrio de forças. Nesse sentido, Galeotti (2015) serve-se do exemplo russo, para o comparar com a guerrilha: evitar o óbvio, apostar nos teus pontos fortes em vez dos do oponente e jamais combater declaradamente com um adversário mais forte.

No entanto, o conceito de GH já aparece devidamente concetualizado em 2007, quando Hoffman, evidenciou que a superioridade dos EUA em campo de batalha está a influenciar os outros atores a abandonarem a forma tradicional de se fazer a Guerra. (Guindo, 2015). Neste artigo é assim formulada uma nova noção de GH que se apresenta como um conflito de natureza polimorfa, ao contrário das anteriores formas de fazer a guerra. As GH podem ser conduzidas por atores estatais e não-estatais, que permitem empregar capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, como também atos terroristas e crime descontrolado. (Hoffman, 2007).

No ano de 2009, Frank Hoffman melhora a sua abordagem ao conceito de GH quando afirma que esta cria um ambiente operacional em que o Ocidente não está preparado a combater e onde as FFAA se deverão mostrar adaptáveis, sendo para tal necessário, uma evolução de mentalidades, estruturas e da própria organização. (Hoffman, 2009b, p. 33 a 39).

De forma a complementar as perspetivas anteriores, trazemos à colação a afirmação que o centro de gravidade na GH é a população (Pindják, 2014). Em 2016, Galeotti analisa o marco mais importante para a conceptualização de GH, o conflito da Crimeia em 2014. Neste conflito as FOE russas sem as insígnias deram início a uma nova era de conflito, entendida como um novo tipo de *guerrilla geopolitics* na tentativa de enquadrar as suas ambições regionais com recursos bastante limitados. Esta perspetiva de *guerrilla geopolitics* é ampliada para o MCDC que descreve a GH enquanto processo, centrando-se na sua multidimensionalidade e escalonamento. Afirma ainda que GH é o uso sincronizado dos múltiplos instrumentos de poder apropriados às vulnerabilidades específicas sistémicas para alcançar objetivos sinérgicos (figura 6).

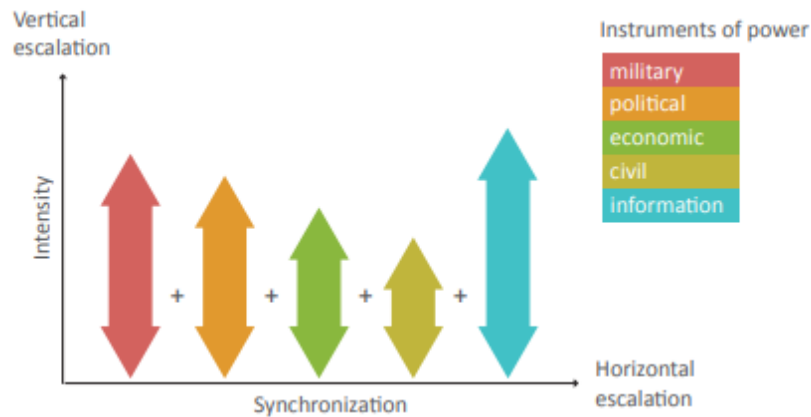


Figura nº3 – Escalação da Guerra Híbrida

Fonte: (MCDC, 2019, p. 9)

Para a Hybrid CoE, o conceito de GH aplica-se quando coexistem meios ou atividades militares conjuntamente com as outras. Portanto não situa a GH a partir de determinada extensão de conflito, mas antes com a inclusão do instrumento militar.

Mas o que permitirá então distinguir GH de AH? Ora para Treverton, AH estendem-se muito para além de atividades militares combinadas, devido aos efeitos da globalização e da transformação do poder relacional entre estados. Esta ideia decorre do rápido desenvolvimento tecnológico, em especial na dimensão cibernética que possibilita aos atores mais fracos, criar novas oportunidades, pois executam os ataques em rede, maximizando os efeitos da sua influência. De facto, o elemento distintivo é, no entender do MCDC o nível de violência (Figura 03), enquanto as AH combinam uma diversidade de meios não violentos para atingir as vulnerabilidades dos alvos, em que sistematicamente evitam prováveis respostas militares, a GH é um nível de tensão agudizada próximo do conflito armado, com recurso a ações militares combinada com outras ferramentas para neutralizar o poder militar convencional (MCDC, 2019, pp. 3-4).

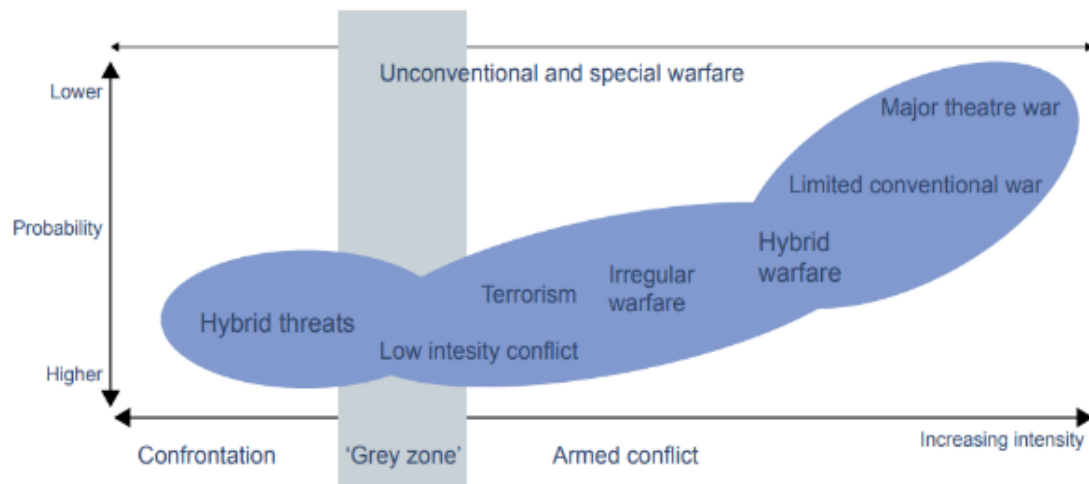


Figura nº4 – Ameaças Híbridas e Guerra Híbrida na evolução do conflito

Fonte: (MCDC, 2019, p. 4)

Também, uma investigação conduzida para a UE se refere a três fase de atuação, iniciando pela “priming phase” (Figura 4) em que o objetivo final do adversário é provocar opções erradas ao alvo, através da interferência sobre a consciência situacional. Nesta fase as atividades são focadas na dimensão populacional e tendem a evitar conflitos abertos ou guerras, embora a estratégia e os processos planeamento configuram ethos militar. É praticamente impossível prospetivar se a guerra faz parte da estratégia (Giannopoulos & Smith, 2019, p. 16). Nesta fase, o que existe são AH.

A última fase é a coação. A atividade rotulada nesta fase, já é GH, onde as ações são visíveis, em que a deteção do autor dos atos é facilitada. A GH representa o último patamar no espectro de escalada da atividade de AH. Apesar de potencialmente se usar todos os domínios estratégicos (político, diplomático, Intelligence,), nesta fase, está igualmente incluído o uso da força como seu elemento identificativo.

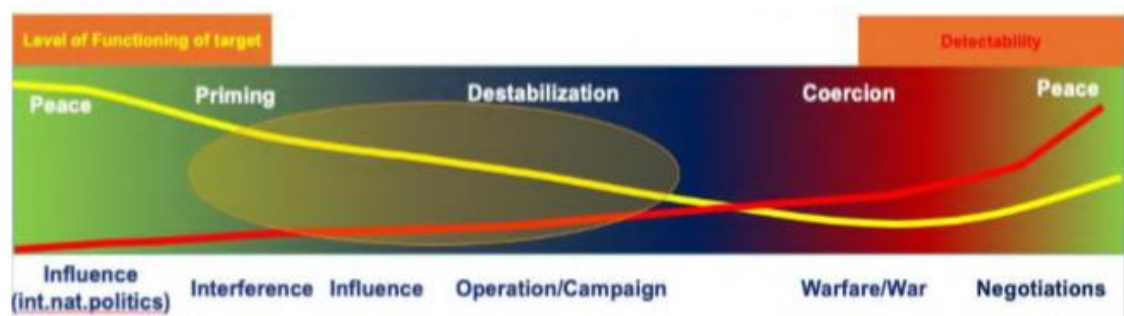


Figura nº5 - Fases e atividades

Fonte: (Giannopoulos & Smith, 2019, p. 16)

Porém para compreender se estamos na presença de uma AH, temos que ter um conjunto de fatores que se apresentam como o Modelo de Análise das AH, que se constituem em quatro pilares fundamentais: (i) atores (e os seus objetivos estratégicos), as (ii) ferramentas utilizadas, os (iii) domínios alvo dos atores e as (iv) fases com as atividades a decorrer em cada uma delas. O *modus operandis* das AH inicia com a escolha da combinação de ferramentas e compreende as seguintes regras: variar as ferramentas, cada ferramenta afeta múltiplos domínios, expondo vulnerabilidades ou potenciando-as. As ferramentas formam, em conjunto, a *Hybrid Threat Toolkit*, que segundo (Treverton, 2018) podem ser (quadro 1).

Ferramenta	Explicação e Finalidade
Propaganda	Idêntica à propaganda tradicional, mas usa novos meios para executar operações de obtenção de informação alcançando os objetivos estratégicos – “ <i>reference of information</i> ”.
Meios de Media Domésticos	Utilização de meios de informação, influenciando a população, levando a alterações comportamentais e à exponenciação de clivagens sociais, a explorar.
Redes sociais	Nova forma para os estados adversários afetarem o grande público. As ameaças híbridas atuam, recorrendo a <i>bots</i> e perfis falsos. Foi evidenciado por Treverton que 67% da população obtém as notícias através das redes sociais <i>Twitter</i> e <i>Facebook</i> , o que a torna um meio de dispersão de informação muito mais eficaz.
Fuga de Informação Estratégica	Info obtida através de espionagem cibernética ou tradicional que tem o objetivo de influenciar a opinião pública, percepção ou discurso das entidades.
Financiamento de Organizações	Aumentar a capacidade de organizações que combatem o adversário.
Partidos Políticos contra o poder	Empoderamento de Partidos que surgem como um elemento muito importante para a mudança de mentalidade de pessoas.
Movimentos de Protesto organizados	Afetar o bem-estar e segurança da sociedade através da criação de protestos que vão levar ao emprego de forças, e gasto de recursos.

Ferramentas cibernéticas	Formas de afetar os órgãos de tomada de decisão através do mundo cibernético.
Sansões Económicas	Restringir ou limitar um país que se apresenta dependente de algo que um país exporta ou vende, aumentando os preços de importação
Proxies	E um servidor (um sistema de computador ou uma aplicação) que age como um intermediário para requisições de clientes solicitando recursos de outros servidores, que permite rastrear os seus utilizadores ou impedir que cedam ao serviço.
Organizações Paramilitares,	Subcontratar Organizações para cumprir a finalidade sem pôr em risco a identidade e as baixas.
Sincronização de Ferramentas	Mistura de emprego de ferramentas que dificulta um estado a sua reação perante vários domínios, focando-se apenas num só domínio.

Quadro 1 – Hybrid Threats Toolbox

Fonte: Elaboração Própria

Assim neste capítulo, caracterizamos as AH, diferenciando-as da GH, pelo nível bélico bem patente no espectro da evolução do conflito.

Em suma as principais características das AH são: atuarem através de uma combinação de ferramentas no domínio estratégico dos países ou alvos visados, terem o objetivo de atingir os diferentes instrumentos de poder dos países afetados, por assim conseguirem maior grau de confusão e caos, atuarem na grey-zone, prosperando no anonimato o maior tempo possível, corroendo os processos de decisão dos alvos. Este aspeto é fundamental, porque o anonimato possibilita continuar a atuar, tal como se de uma guerrilha se tratasse, pelo desgaste criando efeitos nefastos.

O uso da tecnologia funciona como um catalisador de efeitos, sobretudo através da exploração do domínio cibernético que, por um lado permite um grande espaço de influência sobre a população, o centro de gravidade das AH e, por outro lado, a atuação encoberta pela complexidade da identificação do autor de facto de tais

CAPÍTULO 4 - CAPACIDADES DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS PORTUGUESAS NO COMBATE A AMEAÇAS HÍBRIDAS

Para iniciar este capítulo de investigação apresentamos um quadro síntese explicativo do conceito de emprego das FOE (Exército Português, 2016)

1	As FOE são forças especialmente selecionadas, organizadas, treinadas e equipadas, que utilizam TTP não padronizados.
2	As FOE garantem capacidades únicas, flexíveis e versáteis e são empregues em qualquer tipo de ambiente operacional, normalmente em formações de pequeno efetivo, integradas num Comando de Componente de Operações Especiais ou como TF num TO.
3	Os operadores das FOE passam por um processo de seleção rigoroso e um treino específico.
4	As FOE fornecem respostas militares viáveis e adequadas para atuar em qualquer tipo de ambiente operacional, de forma isolada ou como complemento de outras forças ou meios, com elevado grau de autonomia e sob condições de elevado risco.
5	As FOE organizam-se em SOTG que exercem diretamente o comando e controlo das SOTU, orgânicas ou colocadas sob uma relação de comando.
6	Estes SOTG possuem um estado-maior coordenador e normalmente designam um estado-maior técnico para as SOTU.
7	A unidade base para execução de tarefas decorrentes da tipologia de operações especiais é a SOTU.

Quadro 2 – Conceito da FOE

Fonte: (Exército Português, 2016).

Capacidades da FOE

Importa realçar as seguintes, como as capacidades essenciais para o combate das AH de acordo com a doutrina de referência.

(i) Conduzir operações especiais em todo o espectro das operações militares, visto que, tal como supracitado a GH resulta numa evolução conflitual desde AH, o que leva ao surgimento de novas necessidades com o desenrolar do conflito. Dessa forma, será necessária uma força com a capacidade de combater em todo o espectro de operações militares, compreendendo a área do não convencional.

(ii) Dispor de organização e aptidão para planejar, executar, comandar e controlar as suas missões, e capacidade para comandar as SOTU subordinadas; podendo empregar numa mesma operação, mais do que uma SOTU no mesmo objetivo. Este fator apresenta-se como determinante pois para combater este tipo de ameaça é preciso flexibilidade de emprego, característico das Forças-Tarefas.

(iii) Conduzir operações de forma aberta, coberta ou discreta, como fator determinante para assegurar quer o emprego do potencial de combate máximo sobre um grupo opositor, quer seja para encobrir a realidade da nossa Força-Tarefa, como também encobrir a entidade da Força-Tarefa empregue num certo cenário.

(iv) Garantir a proteção da força é essencial num cenário onde podem existir ataques inesperados e não convencionais, reivindicados por elementos que quando se apresentam como ameaça, pode ser demasiado tarde. A FOE tem de garantir a segurança, tal como supracitado, dos elementos de tomada de decisão, locais de tomada de decisão e pontos representativos dos pilares da estratégia total de um estado.

(v) Operar como parte de uma estrutura conjunta-combinada, quando empenhada nestas circunstâncias. Esta característica apresenta-se como a mais determinante, porque é vital que exista cooperação dos elementos das forças de segurança e a FOE, como também é necessário a coligação com os elementos dos Sistemas de Informação e Segurança.

(vi) Dispor de comunicações seguras utilizando para o efeito equipamentos portáteis e de baixa probabilidade de deteção. Tal como apresentado por (Treverton, 2018), após a evolução da tecnologia e o aumento da atividade no mundo cibernético, é imperativo ter uma linha de comunicações seguras e de baixa deteção, porque a constante atualização do ponto de situação nesta realidade de conflito é muito importante de forma a poder proteger a força e poder executar operações ofensivas contra o adversário.

(vii) Efetuar o treino e assessoria de forças militares de países amigos ou de forças paramilitares, evidencia-se em cenários de Assistência Militares a países que estejam a ser sujeitos AH. Porém esta realidade também está presente em cenários onde o tipo de missões da FOE é Ação Indireta, onde a FOE organiza, equipa, treina, assessora, apoia e,

se necessário, dirige forças de resistência e apoia com mentoria e treino as FIRreg.

(viii) Dispor de capacidades linguísticas porque este tipo de conflito envolve a cooperação entre países e organizações. Logo é essencial que os elementos da FOE saibam falar, compreender e comunicar noutras línguas

Modos de atuação

As FOE atuam segundo três modos: coberto, discreto e aberto. (Exército Português, 2014) O modo aberto consiste quando as operações são planeadas e executadas sem nenhum esforço de dissimular a identidade do responsável ou a operação em si. No modo coberto, as operações são planeadas e executadas para dissimular a identidade ou permitir uma negação plausível pelo responsável. Uma operação coberta difere de uma operação discreta, pelo grau de dissimulação da identidade do responsável. Assim, no modo Discreto, as operações são patrocinadas ou conduzidas de maneira a assegurar segredo ou dissimulação.

Como a natureza das AH se apresenta como uma ameaça que atinge vários pilares de estratégia total de um estado e como também apresenta a capacidade de utilizar a população como centro de gravidade, é importante que o modo de atuação se adapte à ameaça, logo as melhores opções a tomar serão modo discreto e coberto.

Tipologia de Operações segundo o PDE 3-67-00 (Exército Português, 2014)

Ação Direta

- ✓ Golpes de mão e emboscadas
- ✓ Sniping
- ✓ Guiamento terminal
- ✓ Recuperação
- ✓ Resgate de reféns
- ✓ Operações de destruição de precisão

Reconhecimento Especial

- ✓ Avaliação de objetivo Avaliação da ameaça
- ✓ Reconhecimento pós-ataque

- ✓ Reconhecimento ambiental

Assistência Militar

- ✓ Treino
- ✓ Aconselhamento
- ✓ Mentoria/Parceria

Ação Indireta

- ✓ Organizar, equipar, treinar, assessorar, apoiar e, se necessário, dirigir forças de resistência
- ✓ Treinar, assessorar, equipar e apoiar FIrreg
- ✓ Treinar, equipar e apoiar o estabelecimento de redes de fuga e evasão

Outras tarefas primárias

- ✓ Proteção de Altas Entidades em zonas de conflito
- ✓ Ligação com facções

Tal como podemos contactar a doutrina do EP, não prevê o emprego da FOE em momentos em que exista uma ameaça de natureza híbrida, logo nós iremos investigar através de três vetores de desenvolvimento (Treino, Doutrina e Interoperabilidade), como podemos capacitar a FOE para este tipo de combate, analisando a tipologia de missões que executa, o modo de atuação e as capacidades que a força apresenta.

4.1. Desenvolvimento da FOE no VD Treino

A FOE é umas das unidades do EP, que mais exercícios faz de forma a garantir a prontidão da mesma sob qualquer tipo de operação que tenha de executar no espectro conflitual convencional ou não-convencional.

Contudo, as AH exigem um treino específico devido à forma como atua, aos domínios que afeta e às ferramentas que emprega.

Esta tipologia atua de forma anónima no meio da sociedade, principalmente na parte do espectro de conflito da Grey-Zone, logo é importante que a FOE desenvolva treinos para reforçar a capacidade de conduzir operações de forma coberta ou discreta,

como fator determinante para assegurar quer o emprego do potencial de combate máximo sobre um grupo opositor, quer seja para encobrir a realidade da nossa Força-Tarefa, como também encobrir a entidade da Força-Tarefa empregue num certo cenário.

É importante realçar também a necessidade de treino da tipologia de Assistência Militar, de forma a preparar a força para aconselhar as populações dos centros de conflito que estão a ser alvo de AH, quer com operações psicológicas quer com a defesa dos líderes das populações afetadas. Devemos também garantir que a força esta preparada para combater em meios urbanos, pois estes são o principal ponto importante deste tipo de ameaça, porque são centros de elevada densidade populacional, os meios de comunicação e informações estão concentrados e existem mais contrastes a nível social e económico

Relativamente ao primeiro ponto, é preciso compreender que os centros populacionais são mais apelativos às AH derivado do seu centro de gravidade ser a população, e é nela que exercem as suas ações como também é nela que tem a sua proteção.

Relativamente ao segundo ponto, a informação e desinformação através de fake-news e influencia dos meios de comunicação social é muito mais fácil nos locais onde estão presentes os centros de processamento e publicação desta informação, logo torna-se muito mais volátil a ação das AH nas grandes cidades.

Relativamente ao terceiro ponto, os grandes contrastes a nível social e económico são uma vulnerabilidade explorada pelas AH, principalmente, em bairros sociais onde a veracidade da informação não é comprovada pelas pessoas, apenas se limitam a compreender a realidade com o que é dito pelos elementos próximos.

Para desenvolver a FOE à luz da realidade mais evoluída neste tipo de combate é necessária associação da FOE em treinos com forças internacionais e nacionais.

A nível internacional é importante estabelecer ligação com as FOE dos países nórdicos, porque estes através do Hybrid-CoE estabelecem treinos de operações cenarizadas com a finalidade de treinar as forças no combate em prol da estratégia total dos estados, evitando a proliferação dos efeitos das ações das AH.

A nível nacional é necessário estabelecer treinos com o Grupo de Intervenção de Operações Especiais (GIOE), força da GNR com a capacidade que mais se aproxima da FOE, devido a uma parte da sua formação ser comum, o COE do CTOE em Lamego. A necessidade do emprego simultâneo é vital para evitar a proliferação dos efeitos das ações das AH.

4.2. Desenvolvimento da FOE no VD Doutrina

A doutrina é um pilar onde assenta a base de todo o conhecimento e que afeta todos os outros vetores de desenvolvimento porque existe uma necessidade que exista um estudo da realidade comum por todos os elementos capazes de combater este tipo de realidade.

Para a solução deste problema, há que prever na doutrina nacional a forma de prevenir e combater num contexto de GH, explicando o conceito de emprego das FOE: Na realidade não se vislumbraram referências às AH, como atuam e como se devem neutralizar ou destruir. Logo para resolver este problema temos de continuar a atualizar a doutrina. O Hybrid CoE é um Think Tank de nível político e estratégico. Não investiga sobre o combate de Operações Especiais às ameaças híbridas

Atualmente existem esforços do Estado Maior General das Forças Armadas (EMGFA) para o estudo desta realidade através de um grupo de trabalho do IUM, intitulado Guerra e AH, porém para a atualização da doutrina a nível da FOE, é necessário o emprego de elementos do CTOE, como também é necessário levar esse desenvolvimento ao CTOE e manter a doutrina permanentemente atualizada de forma a executar um desenvolvimento em paralelo, e a FOE após o emprego destes ensinamentos estudados, verifica potencialidades e vulnerabilidades de forma a acelerar e credibilizar o processo de estudo.

Para acelerar o processo de aquisição de conhecimento e por este mesmo conhecimento em prática é necessário colocar mais elementos do EM da FOE em grupos de trabalhos de desenvolvimento da doutrina, e permitir aos comandantes das SOTG e SOTU perceber a realidade e aplicar estes cenários nos treinos feitos internamente, como também preparar as suas subunidades para treinos fora do CTOE.

Fora este grupo de investigação é necessário criar uma célula de planeamento, treino e acessória de combate a AH quer pelo Célula de Planeamento de Operações Especiais, que constitui o Comando da Componente de Operações Especiais, quer pela Brigada de Reação Rápida onde se integra o Centro de Tropas de Operações Especiais promover a formação de quadros para atualização de doutrina.

4.3. Desenvolvimento da FOE no VD Interoperabilidade

As AH têm a capacidade de utilizar os meios de informação para enviar as suas desinformações à população de forma a mudar as mentalidades daqueles que as usam. É necessário à FOE, possuir os meios de informação e comunicação seguros utilizando para o efeito equipamentos portáteis e de baixa probabilidade de deteção. Tal como apresentado por (Treverton, 2018), após a evolução da tecnologia e o aumento da atividade no mundo cibernético, é imperativo ter uma linha de comunicações seguras e de baixa deteção, porque a constante atualização do ponto de situação nesta realidade de conflito é muito importante de forma a poder proteger a força e poder executar operações ofensivas contra o adversário.

É necessário para a FOE garantir a atualização da segurança destes meios, treino dos operadores com os mesmos e preparação dos mesmos para a utilização com meios de comunicação utilizações por outros forças, quer militares quer civis, de modo a garantir a comunicações entre os vários órgãos.

É necessário ao CTOE ter um terminal de informação com o Serviços de Informação e Segurança (SIS) de forma a ter a atualização do ponto de situação nacional e garantir que as AH estão presentes ou não em Portugal, para preparar a FOE para o seu emprego, sem situação ideal, em conjunto com o GIOE e o SIS.

São necessário a criação de um terminal de informação com o GIOE e o DAE, que são a força congénere da GNR, e que após as suas ações e pode levar ao emprego das FFAA, em especial no emprego da FOE e do DAE.

CAPÍTULO 5 – MELHORAMENTO DA CAPACIDADE DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS NO COMBATE A AMEAÇAS HÍBRIDAS

Para iniciar o nosso capítulo final de investigação temos de compreender os pontos de vista abordados pelos entrevistados que corroboram ou não as potencialidades e vulnerabilidades evidenciados na nossa investigação.

Foi constatado por vários autores e entrevistados que a tipologia de operações efetuadas pelas AH, definido por Hybrid Threats Toolbox, apresenta-se como um fator preponderante para a caracterização da capacidade deste tipo de ameaças que permite analisar os vetores de desenvolvimento que nos comprometemos a investigar, porque o tipo de ator, domínio e fase são determinados pelo opositor.

Os estados vulneráveis a estes ataques devem defender-se das ferramentas usadas por este tipo de ameaças, sendo corroborado pelos entrevistados que são propaganda, redes sociais, fake news, influencia dos meios de media domésticos, fugas de informação estratégicas, financiamento de organizações, partidos políticos contra o poder, movimentos de protesto organizados, ferramentas cibernéticas, sanções económicos, proxies, organizações paramilitares, sincronização de ferramentas. É de concordância geral que a melhor forma de combater este tipo de ferramentas é o emprego da FOE, pois é a força militar interveniente no espectro de atuação das AH

A FOE é a apropriada ao combate das AH pois usa a população e como proteção para desenrolar as suas ações com fim último de afetar o poder instaurado no estado, afetando o bem-estar e segurança da sociedade. Os entrevistados evidenciaram estas características das AH e que esta finalidade está presente, independentemente do domínio que as AH afetem ou em que fase do conflito se apresente o desenrolar das ações.

Porém existe um fator que limita a ação da FOE no combate a AH, que é o processo de ativação da Componente de Operações Especiais, originado no CCOM, e com um percurso longo de capacitação da Componente, à custa de aumentes, até às *Special Operations Task Units*.

Além do que se referiu, outro fator relevante é a decisão política sobre a implementação do estado de emergência ou estado de sítio. Este fator foi evidenciado

pelo Major Horta¹ (Apêndice B), que também realçou que se o estado de emergência ou sítio não é ativado, a FOE pode agir como um elemento de reforço às Forças de Segurança (PSP e GNR), porém se o contrário se verifique e estejamos perante um estado de emergência ou sítio, a FOE passa a estar no comando das operações desta tipologia e as Forças de Segurança passam a reforçar a FOE.

Em suma podemos evidenciar que a FOE é a melhor alternativa do instrumento militar, porém temos de estar sob um estado de emergência ou sítio para que FOE seja a coordenadora dos esforços, tendo sempre atualização do ponto de situação por parte do CPOE do CCOM.

5.1 Linha de Investigação do VD Treino

Começamos a investigação no VD Treino com a divisão desta dimensão Treino, em três indicadores como forma de guiar a nossa investigação.

O primeiro indicador assenta na Censuração dos Treinos efetuados pela FOE, mais precisamente na inclusão de elementos característicos das AH, atuação na Grey-Zone e treino nos modos de atuação coberto e discreto.

Relativamente ao primeiro tópico os entrevistados apresentaram um ponto de vista comum de inexistência de treinos onde são inseridas ameaças com características híbridas, porém o Coronel Matias² (Apêndice A), refere que a censuração especificamente dedicada não se verifica, mas tendo em conta as possibilidades da Força de Operações Especiais, a resposta é positiva. O Coronel refere que as possibilidades da FOE, que concorrem para o treino da FOE em cenários de AH são três:

Conduzir operações:	Integrar:	Participar em:
<ul style="list-style-type: none">– Em todo o espectro das operações militares, no cumprimento das suas missões,– De forma aberta, coberta ou discreta,	Estrutura Conjunta e Combinada constituindo um Task Group de Operações Especiais;	<ul style="list-style-type: none">– Operações de Combate Search and Rescue (CSAR),– Operações de Resposta a Crises,– Operações de redução de outras ameaças, nomeadamente em

¹ Comandante do BForm do CTOE

²Antigo comandante do CTOE, atual aluno do Curso de Promoção a Oficial General.

<p>–De forma independente ou em coordenação com forças convencionais,</p> <p>– Em território hostil, garantindo autoproteção, sobrevivência ou fuga e evasão do mesmo,</p> <p>– Utilizando meios terrestres, aéreos ou aquáticos para Infiltração e exfiltração numa Área de Operações,</p> <p>–Garantindo comunicações seguras com os seus efetivos projetados numa Área de Operações;</p>		<p>operações de combate ao terrorismo,</p> <p>–Participar em projetos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força.</p>
---	--	---

Quadro 3 – Capacidades da FOE

Fonte: (Exército Português, 2010).

Tendo como base o segundo ponto, a realização de exercícios na grey-zone de forma a preparar o EM da FOE a estar ligado diretamente com a estratégia nacional, o Coronel Matias (Apêndice A) evoca o órgão responsável pelo planeamento e transmissão de Info para a FOE, o CCOM através da CPOE, que se constitui como componente funcional de operações especiais e tem por missão garantir ao CEMGFA o apoio no planeamento, integração e sincronização da preparação e emprego das FOE. Incluem-se também exercícios com forças militares internacionais congêneres.

A Componente de Operações Especiais é uma estrutura orgânica do EMGFA, constituída por um SOTG e um Cmd/EM, que tem por base a CPOE.

No âmbito desta Componente, o encargo do CTOE passa por reforçar o seu Comando e EM reforçar o Estado-Maior do SOTG conjunto, e possuir em prontidão uma SOTU.

Para concluir o ponto de cenarização do treino, investigamos a necessidade de preparar e treinar a FOE para atuar em modo coberto ou discreto, no qual o Major Horta evidenciou que a FOE não realiza treinos neste âmbito em cenário de treino normal,

apenas se prepara quando está em prontamento para um TO onde exista possibilidade de atuar como um elemento discreto ou coberto.

Abordamos assim o segundo indicador que designamos por: Treinos Nacionais e Multinacionais, onde a visão geral dos entrevistados foi comum ao facto de a FOE participar em exercícios com o DAE da Marinha, com vista a treinar ações feitas por este destacamento para preparar a FOE para valências comuns aos DAE, como por exemplo, abordagem de navios ou infiltrações Ar-Mar, porém não existe um vínculo deste treino específico ao combate a AH.

Por outro lado, a nível multinacional a FOE participou no exercício FLINTLOCK em 2020, onde a FOE está integrada numa SOTG Espanhola, executou missões de Assistência Militar, com vista a treinar as forças armadas de países Africanos para o combate com grupos armados extremistas, protegendo as suas fronteiras e conferindo segurança à população.

Este exercício apresenta-se com um dos tipos de exercícios multinacionais onde a capacidade da FOE no CAH melhorada, porque mesmo sendo os elementos da FOE a dar instrução, formação e treino às forças dos países inseridos, isto pode ser encarado como um tipo de reação que pode ter a FOE perante um ataque de natureza híbrida: Ajudar um aliado que esteja sob ataque das AH.

O exercício primou pela instrução de tiro, combate em áreas urbanizadas, combate corpo a corpo e tiro em área urbanizadas, tudo com a finalidade de dar capacidades para estas forças protegerem as suas populações.

O último indicador do vetor de desenvolvimento Treino que escolhemos foi o Treino em CAU, com especificidade em ambientes de bairros sociais, devido a ser nestas áreas onde se encontram pessoas que não tem tantas habilitações literárias e onde a informação e conhecimento são adquiridos pela passagem de informação entre as pessoas e que também estão sobrepovoados, o que torna estes locais, um alvo fácil para as AH.

Sobre este indicador, os entrevistados tiveram um ponto de vista comum, a FOE não realiza treinos com este vínculo específico, apenas realiza treinos de CAU com cenários de grandes metrópoles, que também se apresenta como um fator importante para o CAH.

5.2 Linha de Investigação do VD Doutrina

Para investigarmos o vetor de desenvolvimento Doutrina, efetuamos uma divisão em quatro indicadores, sendo eles: Seguimento da Doutrina NATO por parte da FOE no CAH, Existência de doutrina nacional, Participação de elementos do EM da FOE em grupos de trabalho, Investigação sobre o combate a AH.

Relativamente ao primeiro indicador, a FOE esta a seguir a doutrina NATO no ponto de vista das TTP normais de uma FOE da NATO, porém a FOE tem mais uma missão: Ação Indireta, que a permite ter mais uma capacidade que as demais, mas nenhuma doutrina NATO sobre o combate a AH é explicada no manual de Doutrina do EP de Operações Especiais, como é o caso do PDE 3-67-00. O entrevistado Major Horta, apresenta o facto de não se seguir com a doutrina NATO de CAH, porque não existe base sólida suficiente para mudar a doutrina ou incrementar um novo ponto no PDE e também explica que a realidade deste conflito é combatida através dos atuais meios e tipologia de missões. Temos que evidenciar que existe na NATO SOF School, o curso *Countering Hybrid Threat Course*, porém a presença de militares da FOE neste curso é limitada pela falta de recursos financeiros e constrangimento na gestão de formação externa do Exército.

Relativamente ao segundo indicador de existência a nível nacional de doutrina, a visão dos entrevistados é comum ao facto de não existir, quer seja a nível de Operações Especiais quer a nível da estrutura de comando e operações do CTOE, o CCOM-CPOE, o que leva a concluir ser necessário criar doutrina para este tipo de conflito, aplicá-la no PDE, após estudo prático com os SOTG e SOTU.

Ao nível do terceiro indicador de participação de elementos do EM da FOE em grupos de trabalho, o entrevistado Major Horta salienta que existe a necessidade de colocar mais elementos do EM da FOE, para levar à criação de valências de planeamento a nível das SOTG e SOTU, porém o fator de sobrecarga de trabalho derivado dos quadros orgânicos reduzidos e falta de pessoal impossibilita a FOE de empregar mais elementos neste âmbito, para além do comandante da FOE, TCor Inf Roxo e o próprio entrevistado Maj Inf Horta, comandante do BForm.

Corroborando com este tópico o entrevistado, Cor Inf Matias diz que considera importante e fundamental a existência de militares do EM da FOE em grupos de investigação, porque o CTOE é uma das organizações com maiores recursos e competências para cooperar e/ou operacionalizar uma estratégia de ambiente não convencional, tendo em conta que possui essa capacidade (traduzida na Força de Operações Especiais), e o conhecimento (competência de formação). O desenvolvimento

dessa doutrina no emprego de Operações Especiais no combate às AH inclui-se nessas competências.

Por último o indicador: Investigação sobre o combate a AH, a visão geral dos entrevistados foi comum de haver a necessidade de emprego dos militares em ações de formação quer na criação de doutrina para o EP, quer no desenvolvimento de TTP de planeamento neste âmbito, quer na capacitação em termos de mentalidade dos SOTG e SOTU, do que são, como atuam e quais as finalidades das AH. O entrevistado Cor Inf Matias, aponta que princípio geral, e em sentido lato, a execução de treinos, exercícios ou qualquer outro evento prático, é um procedimento normal para validar/testar a “doutrina”. A sua exequibilidade dependerá sempre da sua intenção e da criação de condições para que tal se concretize. O que leva a concluir deste indicador que é essencial conjugar a criação de doutrina com a sua validação através das SOTU e SOTG.

5.3 Linha de Investigação do VD Interoperabilidade

Tendo em vista a terceira dimensão da Interoperabilidade dividimos a mesma em dois indicadores: Terminal de Info com o SIS, Info entre GIOE e FOE e Defesa de órgãos de tomada de decisão político-militar.

Relativamente ao primeiro tópico, existe uma visão geral comum dos entrevistados, onde estes apresentam a ideia que não existe um terminal de Info com o SIS, porém o entrevistado Cor Inf Matias, leva a concluir que a partilha de informação com o SIS estabelece-se a nível informal. Concluimos então que a melhor e mais segura forma de estabelecer este contacto era a criação de um terminal criptografado que torna a partilha desta info segura, rápida e fiável.

Relativamente ao segundo indicador, o Maj Inf Horta explica que a realidade da FOE e do GIOE é comum a nível de formação, derivado dos elementos do GIOE, tirarem o COE QP, em Lamego no CTOE, o que ele expõe como uma relação apenas emocional. Porém existe um ponto da história onde estas forças estiveram a atuar a nível conjunto, na receção da Cimeira da NATO em Lisboa, onde a FOE esteve como reforço do GIOE, porque Portugal não estava em estado de sítio ou emergência, senão o cenário era inverso o GIOE reforçava a FOE, referiu o Maj Inf Horta.

Relativamente ao terceiro indicador, o entrevistado Maj Inf Horta, explicou que a defesa de pontos sensíveis como é o caso de ministérios, bancos e assembleia nacional está à responsabilidade do GOE da PSP, porém aplica-se o mesmo cenário da Cimeira da

Capítulo 5 – Melhoria da capacidade das Operações Especiais no combate a Ameaças Híbridas

NATO, caso Portugal esteja em estado de sítio ou emergência, a FOE tem esta responsabilidade e é reforçada com o GOE e o GIOE.

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Enquadramento

De forma a complementar a investigação desenvolvida através das ferramentas metodológicas previamente apresentadas, neste capítulo serão apresentados e descritos todos os dados obtidos através da realização das entrevistas. Procedeu-se à análise direta das entrevistas realizadas, enquadradas nas questões apresentadas no guião delimitando-se os fatores/critérios pretendidos de acordo com os objetivos específicos do corpo das questões e analisou-se objetivamente esses dados.

Análise das Entrevistas

Para a realização da análise das entrevistas via telemática, procedeu-se ao registo áudio das mesmas, efetuando a sua transcrição parcial de acordo com o corpo de questões apresentadas ao entrevistado. De seguida analisámos as respostas, focando segmentos para validar as conclusões refletidas nos capítulos precedentes.

Relativamente à realização das entrevistas estas foram realizadas a sete militares, dividimos os militares em três grupos: Comandantes, BForm/CTOE e Outros.

Na conjuntura de comandantes, abordamos o antigo comandante do CTOE, Cor Inf Matias.

No segundo grupo, incluímos Maj Horta, que é comandante do BForm do CTOE.

No último grupo incluímos o militar que tem outras funções quer na FOE, CTOE ou no Exército que se apresentam como essenciais à investigação, incluímos assim o Maj Inf Soares, que se encontra no NSHQ-

Nº	Posto	Nome	Situação Atual
1	Cor Inf	Matias	Aluno do CPOG
2	Maj Inf	Horta	Cmdt BForm/CTOE
3	Maj Inf	Soares	NSHQ

Quadro 4 – Quadro de Entrevistas

Fonte: Elaboração Própria

Análise das Entrevistas – Comandantes

Serão apresentadas neste subcapítulo os resultados obtidos através da utilização do Guião de Entrevista – Comandantes (Apêndice A), sendo que os entrevistados desempenharam ou encontram-se a desempenhar funções de comando de forças, quer na FOE quer no CTOE.

Relativamente à Questão nº1: **Concorda com os problemas apresentados para a resposta a ameaças híbridas: reduzido tempo para reação, identificação inequívoca do instrumento de poder afetado e a legitimidade do uso do instrumento militar?**

Resposta: Se considerarmos que as ameaças híbridas combinam atividades convencionais e não-convencionais, militares e não militares, utilizadas de forma coordenada por atores estatais e não-estatais, recorrendo ainda a campanhas multidimensionais que combinam medidas coercivas e subversivas, com vista ao alcance de objetivos políticos, a resposta é, em sentido lato, sim. No entanto, tendo em conta que a sua natureza é complexa, é difícil definir que tipo de ocorrências podem ser efectivamente classificadas de híbridas, podendo dizer-se que estão incluídas a quase totalidade das realidades conflituais, incluindo as campanhas mediáticas, a utilização de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares, os ciber-ataques contra os sistemas informáticos de infraestruturas estratégicas ou a utilização da subversão enquanto processo de gestão da violência.

Em concreto, sobre a questão colocada, “os problemas apresentados para a ameaças híbridas”, pode-se afirmar que a dissuasão tradicional se apoia nos recursos militares convencionais. Porém, os recursos militares convencionais não são suficientes para fazer prevalecer a identidade e soberania de um Estado perante o quadro de uma ameaça híbrida.

As ameaças híbridas requerem uma abordagem diferente, a qual obriga a uma estratégia de defesa mais abrangente.

Penso que é necessário que as FFAA desenvolvam as suas capacidades não convencionais de defesa e consigam estender as mesmas a outros vectores de promoção de Defesa e Segurança do Estado.

Nesse sentido, o CTOE constitui-se como um importante actor, no âmbito da

dissuasão não convencional em Portugal.

Relativamente à 2ª Questão: Considera importante a participação de militares do Estado-maior da Força de Operações Especiais em grupos de investigação para o desenvolvimento da doutrina do emprego de Operações Especiais no combate às ameaças híbridas (AH)?

Resposta: Claramente que sim. Considero importante e fundamental.

O CTOE é uma das organizações com maiores recursos e competências para cooperar e/ou operacionalizar uma estratégia de ambiente não convencional, tendo em conta que possui essa capacidade (traduzida na Força de Operações Especiais), e o conhecimento (competência de formação). O desenvolvimento dessa doutrina no emprego de Operações Especiais no combate às ameaças híbridas inclui-se nessas competências.

Relativamente à Questão nº3: Tem sido ministrado o *Countering Hybrid Threat Course*, na NATO SOF School, em Chièvres. Este é um curso de curta duração, 2 semanas que visa preparar militares e civis para o planeamento de uma estratégia de prevenção e combate destas ameaças. Os militares da FOEsp têm participado neste curso? Como tem sido a atualização da doutrina nacional em face das experiências colhidas?

Resposta: No que ao CTOE diz respeito, não tem havido participação neste curso específico, bem como nalguns outros, com a frequência desejada. A causa não tem sido por falta de solicitação de formação do CTOE em organizações internacionais, mas outros “imperativos se levantam” e por vezes a falta de recursos financeiros é um constrangimento na gestão de formação externa do Exército.

Como nota complementar nesta área de formação, a nível interno, o CTOE tem na sua agenda, a breve trecho, a reformulação de dois cursos à sua responsabilidade: o Curso de Operações Irregulares (COIR) e o Curso de Prevenção e Combate a Ameaças Terroristas (CPCAT). A necessidade desta atualização/reformulação deve-se à sua relevância e considerando, também, as ameaças terroristas transnacionais e as ameaças híbridas, bem como a aplicabilidade presente dos princípios de emprego de qualquer Força Militar e a atuação num espaço de batalha com geometria difusa.

Relativamente à Questão nº4: Quais são os sistemas de partilha de informação (i.e., NSWAN), em uso, pela Força de Operações Especiais e com quem estabelece ligação?

Resposta: A Força de Operações Especiais não possui sistemas de partilha de informação dedicados e classificados, a par das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do

Exército. Mas a sua existência seria fundamental para um maior desenvolvimento desta força.

A Célula de Planeamento de Operações Especiais (CPOE), do CCOM/EMGFA é o órgão que tem essa capacidade, com capacidade de ligação ao Comando NATO de Operações Especiais e outras forças congéneres de países amigos.

Relativamente à questão nº5: Projeta-se estabelecer com os Sistemas de Informação Nacional um sistema de partilha? E com Elementos de Operações Especiais da NATO e nacionais, como o caso da Companhia de Operações Especiais da GNR ou o Grupo de Intervenção de Operações Especiais (GIOE) da PSP?

Resposta: Não. A partilha de informação com essas forças é informal. No entanto, com o Destacamento de Ações Especiais (DAE) da Marinha, que está também incluindo na estrutura operacional da CPOE, a informação flui diretamente ou através deste órgão.

Relativamente à Questão nº6: Projeta-se a criação de cenários para o combate às ameaças híbridas?

Resposta: Não especificamente dedicado para este tipo de ameaças. No entanto, tendo em conta as possibilidades da Força de Operações Especiais, a resposta é positiva.

Possibilidades da FOE:

1. Conduzir operações:
 - Em todo o espectro das operações militares, no cumprimento das suas missões,
 - De forma aberta, coberta ou discreta,
 - De forma independente ou em coordenação com forças convencionais,
 - Em território hostil, garantindo autoproteção, sobrevivência ou fuga e evasão do mesmo,
 - Utilizando meios terrestres, aéreos ou aquáticos para Infiltração e exfiltração numa Área de Operações,
 - Garantindo comunicações seguras com os seus efetivos projetados numa Área de Operações;
2. Integrar uma Estrutura Conjunta e Combinada constituindo um Task Group de Operações Especiais;
3. Participar em:
 - Operações de Combate Search and Rescue (CSAR),
 - Operações de Resposta a Crises,

- Operações de redução de outras ameaças, nomeadamente em operações de combate ao terrorismo,
- Participar em projetos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força.

Relativamente à Questão nº7: Têm-se realizado treinos conjuntos ou combinados com forças nacionais e internacionais com o DAE e o, no âmbito do combate a AH?

Resposta: Não especificamente dedicado para este tipo de ameaças. Similarmente à resposta anterior, a FOE realiza treinos conjuntos e combinados dentro da sua missão e tarefas que executa, abrangendo inerentemente a temática de ameaças deste estudo.

Relativamente à Questão nº 8: Face à capacidade de atuação das ameaças híbridas que, atuando na “grey zone”, lhes possibilita afetar os alvos visados sem que estas as consigam detetar, utilizando meios não convencionais, já se realizaram ou se planearam exercícios com a participação de elementos do EM da FOEsp diretamente ligados ao nível de decisão estratégica nacional?

Resposta: A estrutura do CCOM / EMGFA possui uma CPOE, que se constitui como componente funcional de operações especiais e tem por missão garantir ao CEMGFA o apoio no planeamento, integração e sincronização da preparação e emprego das forças de operações especiais. Incluem-se também exercícios com forças militares internacionais congéneres.

A Componente de Operações Especiais é uma estrutura orgânica do EMGFA, constituída por um SOJTG e um Cmd/EM, que tem por base a CPOE.

No âmbito desta Componente, o encargo do CTOE passa por reforçar o seu Comando e EM reforçar o Estado-Maior do Special Operations Task Group conjunto, e possuir em prontidão uma Special Operations Task Unit.

Relativamente à Questão nº9: Na atividade operacional da Força de Operações Especiais, tem decorrido exercícios em que as *Task Units* estabelecem ligação com a população, participando ativamente na melhoria da sua capacidade de autodefesa e deteção de sinais de alarme identificativos de ameaças híbridas?

Resposta: Não.

Relativamente à Questão nº10: Acha possível a implementação de treinos de forma a pôr em prática, analisar e verificar as falhas do desenvolvimento feito pelo grupo de investigação do IUM para melhorar doutrina do EP no CAH?

Resposta: Não conheço em pormenor o trabalho que está a ser realizado pelo

IUM nesta área.

No entanto, como princípio geral, em sentido lato, a execução de treinos, exercícios ou qualquer outro evento prático, é um procedimento normal para validar/testar a “doutrina”. A sua exequibilidade dependerá sempre da sua intenção e da criação de condições para que tal se concretize.

Análise das Entrevistas – BForm/CTOE

Serão apresentadas neste subcapítulo os resultados obtidos através da utilização do Guião de Entrevista – BForm/CTOE (Apêndice B), sendo que os entrevistados desempenharam ou encontram-se a desempenhar funções que concorram para a empregabilidade, formação, treino e desenvolvimento da FOE.

Relativamente à Questão nº1: Na sua ótica, a complexidade da Hybrid Threat Toolbox (Propaganda, Redes Sociais, Fake News, Influência dos meios de media domésticos, Fugas de Informação Estratégicas, Financiamento de Organizações, Partidos Políticos contra o poder, Movimentos de Protesto organizados, Ferramentas cibernéticas, Sansões Económicas, Proxies, Organizações Paramilitares, Sincronização de Ferramentas) leva ao empenhamento de forças de carácter igual, ao da FOE? Justifique.

Resposta: Concorde se consideramos apenas o Exército, mas o cenário ideal seria a aplicação de uma força que se combina todas as forças desta tipologia.

Relativamente à Questão nº2: Tendo em consideração a abordagem holística que se deve ter na luta contra uma ameaça deste género eu acredito que as Forças de Operações Especiais têm um papel fundamental a desempenhar. Não apenas devido à tipologia de missões que lhe podem ser atribuídas, mas também pelo carácter flexível no seu emprego.

Resposta: Concorde

Relativamente à Questão nº3: Na sua opinião, considera as missões da FOE, Assistência Militar, a mais importante no combate a AH? Justifique.

Resposta: Considero, mas esta Assistência Militar só se deve considerar a nível FOE, porque para o cumprimento da Assistência Militar a nível FOE tem que se ter em conta que existem SOTU a fazerem Ação Direta ou Indireta, para o cumprimento da missão

Relativamente à Questão nº4: Como é feita e por quem é feita a defesa dos órgãos representativos dos pilares de poder da estratégia total do Estado?

Resposta: Pelo GOE (Grupo de Operações Especiais) da PSP.

Relativamente à Questão nº5: Como é feito o Aconselhamento de Forças/Populações dentro de território nacional, quer na forma de Operações Psicológicas, quer na vertente Aconselhamento, Assessoria e Treino? Tem havido Exercícios para praticar tais procedimentos?

Resposta: Só é feito treino quando a FOE está em aprontamento para missões com esse cenário. Não tem existido Exercícios.

Relativamente à Questão nº6: De que forma treina a FOE para ações no espectro do conflito da Grey-Zone?

Resposta: Todos os seus treinos porque tudo que a FOE faz concorre para todas as fases do conflito não convencional, incluindo a Grey-Zone.

Análise das Entrevistas – Outros

Serão apresentadas neste subcapítulo os resultados obtidos através da utilização do Guião de Entrevista – Outros (Apêndice C), sendo que os entrevistados desempenharam ou encontram-se a desempenhar funções que concorram para a empregabilidade, formação, treino e desenvolvimento da FOE.

Relativamente à Questão nº1: Na sua ótica, a complexidade da Hybrid Threat Toolbox (Propaganda, Redes Sociais, Fake News, Influencia dos meios de media domésticos, Fugas de Informação Estratégicas, Financiamento de Organizações, Partidos Políticos contra o poder, Movimentos de Protesto organizados, Ferramentas cibernéticas, Sansões Económicas, Proxies, Organizações Paramilitares, Sincronização de Ferramentas) leva ao empenhamento de forças de carácter igual, ao da FOE? Justifique.

Resposta: Tendo em consideração a abordagem holística que se deve ter na luta contra uma ameaça deste género eu acredito que as FOE têm um papel fundamental a desempenhar. Não apenas devido à tipologia de missões que lhe podem ser atribuídas, mas também pelo carácter flexível no seu emprego.

Relativamente à Questão nº2: Na sua ótica, a complexidade da Hybrid Threat Toolbox (Propaganda, Redes Sociais, Fake News, Influencia dos meios de media domésticos, Fugas de Informação Estratégicas, Financiamento de Organizações, Partidos Políticos contra o poder, Movimentos de Protesto organizados, Ferramentas cibernéticas, Sansões Económicas, Proxies, Organizações Paramilitares, Sincronização de Ferramentas) leva ao empenhamento de forças de carácter igual, ao da FOE? Justifique

Resposta: Tendo em consideração a abordagem holística que se deve ter na luta contra uma ameaça deste género eu acredito que as Forças de Operações Especiais têm um papel fundamental a desempenhar. Não apenas devido à tipologia de missões que lhe podem ser atribuídas, mas também pelo carácter flexível no seu emprego.

Relativamente à Questão nº3: Na sua opinião, considera as missões da FOE, Assistência Militar, a mais importante no combate a AH? Justifique.

Resposta: Na minha opinião não, porque toda a tipologia de missões das Operações Especiais poderão desempenhar um papel importante em prol do combate a uma ameaça híbrida. Para além da Assistência Militar poderá haver a necessidade de executar missões de Ação Direta, Reconhecimento Especial e/ou Ação Indireta.

Relativamente à Questão nº4: Como é feita e por quem é feita a defesa dos órgãos representativos dos pilares de poder da estratégia total do Estado?

Resposta: Desconheço.

Relativamente à Questão nº5: Como é feito o Aconselhamento de Forças/Populações dentro de território nacional, quer na forma de Operações Psicológicas, quer na vertente Aconselhamento, Assessoria e Treino? Tem havido Exercícios para praticar tais procedimentos?

Resposta: Desconheço a existência de tais aconselhamentos em território nacional assim como de exercícios.

Relativamente à Questão nº6: De que forma treina a FOE para ações no espectro do conflito da Grey-Zone?

Resposta: O treino desenvolvido pela FOE tem sido de acordo com a sua necessidade de emprego dentro do seu espectro de missões. Não existe um treino específico para a luta contra ameaças híbridas, visto este tipo de ameaças não ser combatido unicamente e em regime de exclusividade pelas Operações Especiais ou pelas Forças Armadas. Sendo o combate a uma ameaça híbrida executado de forma abrangente por várias entidades, as Forças de Operações Especiais devem estar aptas a executar ações dentro do seu âmbito

Discussão de Resultados

Os resultados obtidos nas entrevistas vieram a comprovar e verificar as conclusões tiradas, com base as necessidades, potencialidades e vulnerabilidades da FOE no combate a AH.

Tendo em conta a análise conceptual feita pelo MCDC, pode-se comprovar a conceção do conceito de Guerra Híbrida, porém existem divergências se for considerada a análise NATO do conflito e se for confirmada a legitimidade de considerar esta uma base de fonte de eleição da NATO. Porém se não considerarmos esta abordagem de GH podemos considerar os efeitos da AH, como um possível escalar para ações de terrorismo que quando reivindicado por um único grupo irregular pode levar a um surgimento de uma Guerra Irregular, tudo com o objetivo de afetar a segurança e bem-estar de uma sociedade.

Devemos evidenciar a realidade evidenciada de ferramentas utilizadas pelas AH desde Propaganda, Redes Sociais, Fake News, Influência dos meios de media domésticos, Fugas de Informação Estratégicas, Financiamento de Organizações, Partidos Políticos contra o poder, Movimentos de Protesto organizados, Ferramentas cibernéticas, Sansões Económicas, Proxies, Organizações Paramilitares até Sincronização de Ferramentas, como formas que quando combinadas em atuação e ataques do mundo cibernético com objetivos claros de afetar a estrutura de poder, representadas por domínios, leva à necessidade de emprego da FOE em ambientes de combate apenas irregular, a chamada Grey-Zone.

Quanto à conceção da capacidade da FOE e do seu melhoramento temos de ter em conta que esta exige mais Treino focado em cenarizações próximas da realidade das AH, ou que foram alvo de ataques desta natureza. Precisamos também de compreender que estes cenários não são suficientes, porque existem países que são alvo destas AH e que não conseguem atingir índices de Índice de Desenvolvimento Humano habilitações literárias base que permitam o treino da FOE, para apoiar, treinar e assessorar forças nestes estados.

Por outro lado, se a AH se verificar em território nacional temos de ter em conta que a capacidade das forças armadas e de segurança. Podemos concluir assim que a capacidade destas forças atuarem em conjuntos está limitada e determinada pelos treinos que efetuam em conjuntos e pela forma como resolvem problemas de tipologia Híbrida.

Podemos continuar afirmando que a doutrina para a atuação contra este tipo de ameaças é inexistente e que o seguimento da doutrina NATO se limita para as operações que são normalmente feitas pelas FOE NATO. Para colmatar esta necessidade de espera de desenvolvimento de conhecimento, devemos empregar mais militares da FOE, quer no estudo da doutrina, quer no estudo do planeamento do CAH, quer na aplicação, treino e capacitação das SOTG e SOTU.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Enquadramento

Neste capítulo serão abordadas as respostas às perguntas derivadas, e consequentemente à pergunta de partida. Serão apresentadas algumas reflexões finais, tendo em conta todo o processo de investigação, assim como as limitações da mesma, e apresentadas propostas para futuras investigações no âmbito deste tema.

Resposta a Perguntas Derivadas

Relativamente à Pergunta Derivada nº1: Quais as principais características das ameaças híbridas no contexto operacional?

Resposta: Relativamente às AH, podemos caracterizá-las através do modelo de análise das ameaças híbridas, tendo em conta o tipo de ator, ferramenta, domínio, fase de conflito e alvo. Dentro do ator temos de ter em conta se é estatal ou não, perante as ferramentas temos em conta as seguintes: Propaganda, Redes Sociais, Fake News, Influência dos meios de media domésticos, Fugas de Informação Estratégicas, Financiamento de Organizações, Partidos Políticos contra o poder, Movimentos de Protesto organizados, Ferramentas cibernéticas, Sanções Económicas, Proxies, Organizações Paramilitares até Sincronização de Ferramentas, dentro do fator domínio temos de verificar que pilar do poder se verifica, dentro de Político, Militar, Económico, Informações e Social, relativamente à fase esta depende da perceção da evolução da ameaça e o ultimo fator é o alvo que sempre se apresenta no governo instaurado, com o objetivo de impor um novo.

Relativamente à Pergunta Derivada nº2: Qual a capacidade das Operações Especiais Portuguesas, nos VD Treino, Doutrina e Interoperabilidade?

Resposta: Para analisar a capacidade, decidimos estudar três vetores de desenvolvimento: Doutrina, Treino e Interoperabilidade.

Relativamente ao vetor de desenvolvimento Treino, verificamos que a FOE efetua treinos em cenários de estados falhados e países com necessidades de assistência perante militares rebeldes armados.

Relativamente ao vetor desenvolvimento Doutrina, o EP ainda não apresenta doutrina para o combate a AH, quer a tipologia de missões quer o modus operandis desta ameaça.

O seguimento da doutrina NATO ainda se apresenta muito elementar havendo apenas o ajuste de TTP comuns na FOE, para treinar, assessorar e mentorar grupos de países que estão a ser alvos de Ameaças Irregulares, que nem sempre apresentam caracter híbrido. Contudo existe um esforço do EP em criar grupos de trabalho para o estudo da Guerra e das AH, onde estão presentes alguns militares de OEsp.

Relativamente à Pergunta Derivada nº3: Como pode a capacidade de as Operações Especiais melhorar, no combate da Guerra Híbrida da Atualidade?

Resposta: Existe a necessidade de colmatar três falhas: Aumentar o número de treinos cenarizados, quer a nível nacional quer a nível internacional, aumentar o efetivo da FOE na investigação das AH e a criação de um terminal de info entre o GIOE, o SIS e a FOE.

O número de treinos vinculados para este tipo de cenário é muito reduzido sendo que apenas é apresentado um treino: Exercício Flintlock 2020 (Anexo A), onde a FOE esteve inserida numa SOTG espanhola onde assessoravam e treinavam as forças armadas do Sahel que tinham que defender as suas fronteiras dos grupos armados rebeldes. Existem a necessidade de criar mais cenários que abordem o Hybrid Threats Toolbox (Quadro 1), principalmente incidir em espaços urbanizados que tenham muita densidade populacional, por exemplo uma metrópole. Devemos também ter em conta que a FOE não tem capacidade de responder a todos os domínios onde uma AH pode atacar, logo é necessário a criação de uma ligação formal e segura com o GIOE, GOE, DAE e SIS.

Relativamente ao ponto em aumentar o efetivo na investigação devemos ter em conta que a realidade da FOE em termos de efetivo é reduzida, mas é necessário empregar mais militares, principalmente do EM da FOE para a criação de conduta e método no planeamento de operações militares em contexto de CAH. Existe um grupo de investigação que já está a desenvolver a doutrina a nível do EP, mas os seus elementos são poucos e apenas dois militares do CTOE estão inseridos. Devemos também ter em conta que é necessário criar a doutrina e levar ao CTOE para esta ser aplicada pelas SOTG e SOTU.

Relativamente ao terceiro aspeto devemos ter em conta que a realidade da ligação do GIOE e FOE esta estabelecida a nível sentimental e essa info passa de forma informal. Temos de criar um vínculo de informação entre a FOE, DAE, GIOE e GOE para perceber que campos este podem garantir a defesa e a manutenção da informação sobre o estado de situação da AH e quais os efeitos que se fazem ver, tudo com o objetivo de salvaguardar a população porque é o principal centro de gravidade quer das AH quer do

estado.

Resposta à Pergunta de Partida

A Pergunta de Partida é “Quais os contributos que permitem capacitar as Operações Especiais fazer face às ameaças híbridas?”,

Resposta: As Operações Especiais pode dar um termo genérico para enunciarmos a FOE, GIOE DAE e GOE, sendo que estes órgãos não pertencem à mesma entidade, são estes que dentro do instrumento de aplicação de força do estado português fazem cumprir a sua vontade quer em âmbito de manutenção do bem-estar, quer no âmbito da segurança do país.

Na nossa investigação, o foco foi a FOE situada em Lamego porque esta é a melhor ferramenta que o EP tem para o combate a AH, apresentando as capacidades de combate no espectro do conflito não convencional. O conflito não convencional é aquele em que as AH atuam e exploram os efeitos nos vários domínios de defesa de um estado, sendo em que fase do conflito não convencional nos encontremos. O conflito não convencional envolve várias fases sendo que a primeira de atuação das AH leva a entender que a especificação da atuação e reduzido tempo de reação tem de estar presentes nos comandantes das Forças.

As AH procuram massificar os seus efeitos na Grey-Zone, porque esta é a única onde a aplicação da força por parte de um estado é dúbia e a FOE e os seus congéneres só podem reagir aos efeitos criados, evitando a proliferação dos mesmos até ao objetivo final de levar à queda do poder instituído. O estado para impedir que chegue a este ponto tem duas hipóteses: ou ativa o estado de emergência e a FOE toma conta das operações e as suas congéneres passam a atuar como reforço, ou não ativa e a FOE atua como reforço das congéneres. Devemos ter em conta que a ativação do estado de emergência vai afetar o bem-estar da população e da sociedade, despoletando um efeito de medo e insegurança, remunerador para as ameaças híbridas.

A FOE pode também atuar como elemento de reforço no exterior do país, prestando Assistência Militar a estados que estejam a ser alvos deste tipo de ameaças, como o treino e mentoria de grupos populacionais de forma a evitar a proliferação dos efeitos das AH, evitando a origem de protestos que levem ao emprego de forças de segurança que podem ser necessárias na defesa de outro domínio.

Em suma, os contributos necessários para capacitar a FOE no CAH, são a criação de

cenários onde esteja como elemento de reforço de forças de segurança e como comandantes de forças de segurança, principalmente em grandes metrópoles. Devemos também procurar investigar mais pelo assunto das AH, perceber qual a ferramenta que utilizam para perceber que domínios vão afetar e que domínios podem passar a afetar após atingir um objetivo de afetar esse domínio.

Devemos também ter em conta que é necessário criar uma ligação formal e segura para a passagem de info entre a FOE e os seus congéneres e o SIS, para a manutenção da perspetiva do estado da situação dos efeitos das AH, permitindo assim o emprego simultâneo destas forças, e minimizar a proliferação dos efeitos.

Limitações da Investigação

Como limitações para a nossa investigação podemos enunciar o tempo para a realização do TIA, que se demonstrou reduzido derivado da atualização permanente dos conceitos de Guerra Híbrida e como é feito o seu combate.

Como segunda limitação, apresento a dificuldade de compreender a realidade da FOE, quer a nível tático, estratégico ou operacional, devido ao facto das suas ações não seguirem um padrão convencional de planeamento ou execução, isto é a FOE não recebe uma OOp pura e dura da BrigRR, sobre qual será a sua situação, missão, execução, apoio de serviços e comando e transmissões.

Como último aspeto a apontar, a diversidade de autores que abordam o tema não é muito grande o que leva ao surgimento de referências limitadas ou inacessíveis.

Investigações Futuras

Como forma de melhorar a capacidade de Portugal, através de todas as suas ferramentas do instrumento militar e das forças de segurança, proponho a formulação de um grupo de investigação, com o objetivo de criar uma força que seja constituída por elementos das forças de segurança quer o GOE ou o GIOE, quer das forças armadas, da FOE e do DAE, com a finalidade de dar uma resposta mais eficiente e rápida às ameaças híbridas capazes de despoletar o conflito para uma guerra Híbrida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aaronson, M. (2013). NATO Countering the Hybrid Threat.

Delegação Portuguesa Junto do Tratado do Atlântico Norte. (26 de março de 2020). Obtido de <https://www.otan.missaoportugal.mne.pt/pt/noticias/adesao-de-portugal-ao-centro-europeu-de-excelencia-para-combate-as-ameacas-hibridas>

Eco, U. (2007). Como se faz uma tese em Ciências Humanas. Editorial Presença, Ed. 13 a. Barcarena

Exército Português. (2014). PDE 3-67-00 - Operações Especiais. Exército.

Exército Português. (setembro de 2010). PDE 3-09-00 - Operações não Convencionais.

Fernandes, H. M. (setembro de 2016). As novas guerras: O desafio da guerra híbrida. Revista de Ciências Militares.

Galeotti, M. (19 de agosto de 2015). smallwarsjournal.com. Obtido em 20 de abril de 2021, de <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/hybrid-war-as-a-war-on-governance>

Galeotti, M. (2016). Hybrid War or Gibridnaya Voina? Getting Russia's Non-Linear Military Challenge Right. Prague: November.

Hoffman, F. G. (1 de outubro de 2009a). Obtido em 10 de abril de 2021, de <http://armedforcesjournal.com/hybrid-vs-compound-war/>

Hoffman, F. G. (2007). Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars. Arlington, Virginia: Potomac Institute for Policy Studies.

Hoffman, F. G. (2016). The Contemporary Spectrum of Conflict: Protracted, Gray Zone, Ambiguous, and Hybrid Modes of War. Obtido em 01 de maio de 2021, de <https://www.heritage.org/sites/default/files/2019->

10/2016_IndexOfUSMilitaryStrength_The%20Contemporary%20Spectrum%20of%20Conflict_Protracted%20Gray%20Zone%20Ambiguous%20and%20Hybrid%20Modes%20of%20War.pdf

Hoffman, F. G. (abril de 2009c). Obtido em 01 de maio de 2021, de Hybrid Threats: Reconceptualizing the Evolving Character of Modern Conflict: <https://www.ciaonet.org/attachments/14593/uploads>

Hoffman, F. G. (janeiro de 2009b). JFQ, 1st Quarter 2009. Hybrid Warfare And Challenges (52). Obtido em 01 de maio de 2021, de <https://ndupress.ndu.edu/portals/68/Documents/jfq/jfq-52.pdf>

Hybrid CoE. (26 de março de 2020). Obtido de Hybrid CoE: <https://www.hybridcoe.fi/>

JEPC (2016). Quadro comum em matéria de luta contra as AH uma resposta da União Europeia.

Joint Chiefs of Staff, Joint Publication 3-05, Special Operations (Washington, DC: Government Printing Office, July 2014), X.

Lindley-French, J. (2015). NATO and New Ways of Warfare: Deafeating Hybrid Threats. Rome.

MCDC. (janeiro de 2017). Obtido em 01 de maio de 2021, de https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/647776/dar_mcdc_hybrid_warfare.pdf

MCDC. (março de 2019). Obtido em 2021, de https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/784299/concepts_mcdc_countering_hybrid_warfare.pdf

Mckew, M. K. (09 de maio de 2017). <https://www.politico.eu/>. Obtido em 05 de maio de 2021, de <https://www.politico.eu/article/new-battles-cyberwarfare-russia/>

Monaghan, A. (2016). Putin's Way of War - The 'War' in Russia's 'Hybrid Warfare'. Obtido em 03 de maio de 2021, de https://www.academia.edu/24314231/Putins_Way_of_War

NATO, AJP-3.5, Allied Joint Doctrine for Special Operations (Brussels, Belgium: NATO Standardization Agency, December 2013), 2-1.

NATO. (08 de agosto de 2019a). Obtido em 03 de maio de 2021, de https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_156338.htm

NATO. (2019c). AJP-3.5 - ALLIED JOINT DOCTRINE FOR SPECIAL OPERATIONS - Edition C Version 1. Brussels.

NATO. (29 de outubro de 2019b). Obtido em 25 de abril de 2021, de <https://www.nato.int/docu/review/articles/2019/10/29/a-new-era-for-nato-intelligence/index.html>

Pindják, P. (18 de novembro de 2014). Obtido em 09 de maio de 2021, de <https://www.nato.int/docu/review/articles/2014/11/18/deterring-hybrid-warfare-a-chance-for-nato-and-the-eu-to-work-together/index.html>

Pires, N. L. (2016). Resposta ao Jihadismo Radical (1a). Lisboa: Nexø.

Podloch, M. (2017). The Special Forces in the age of hybrid warfare. pp. 48 - 58. Obtido de <http://yadda.icm.edu.pl/yadda/element/bwmeta1.element.baztech-90a4b6aa-895c-4945-affeb2fc18d92ab3>

Santos, L., & Lima, J. (2016). Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação. Cadernos do IESM, 8. Instituto Universitário Militar: Lisboa.

Sarmiento, M. (2013). Metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Steder, F. B. (novembro de 2016). Introduction: The Theory, History, and Current State of Hybrid Warfare. (N. P. (U.S.), Ed.) CTX (Combating Terrorism Exchange), v.6:4. Obtido em 27 de junho de 2020, de <https://calhoun.nps.edu/handle/10945/51376>

Treverton, G. F. (2018). The Intelligence Challenges of Hybrid Threats. Focus on Cyber and

Virtual Realm. Obtido em 10 de maio de 2021, de <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1250560/FULLTEXT01.pdf>

Treverton, G. F., Thvedt, A., Chen, A. R., Lee, K., & McCue, M. (2018). Addressing Hybrid Threats. (A. AB, Ed.) Obtido em 09 de maio de 2021, de <https://www.hybridcoe.fi/wp-content/uploads/2018/05/Treverton-AddressingHybridThreats.pdf>

APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTA - COMANDANTES



ACADEMIA MILITAR

Guião de Entrevista

A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade

Autor: Aspirante de Infantaria Rui Ribeiro

Orientador: Major de Artilharia Diogo Lourenço Serrão

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2021

Eu sou o Aspirante de Infantaria Ribeiro e encontro-me a realizar uma investigação, no âmbito do TIA, subordinado ao tema “A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade”. Agradeço antecipadamente a disponibilidade e toda a colaboração prestada, considerando a sua intervenção muito relevante para a condução da investigação.

Os objetivos desta investigação são os seguintes:

- ✓ Identificar principais características das ameaças híbridas no contexto operacional.
- ✓ Analisar a capacidade das Operações Especiais Portuguesas.
- ✓ Analisar a empregabilidade / adequabilidade das Operações Especiais Portuguesas no Combate às Ameaças Híbridas.
- ✓ Análise das capacidades das Operações Especiais Portuguesas na Guerra Híbrida de acordo com a tipologia da missão a executar, e subseqüentes potencialidades e limitações.

Aspetos Deontológicos

A entrevista terá uma duração de cerca de 15 minutos.

1. INTRODUÇÃO

Como referido anteriormente, esta entrevista tem o objetivo de recolher informações de forma a complementar e desenvolver o Trabalho de Investigação Aplicada, subordinada ao tema indicado. É de extrema importância a realização desta entrevista visto que a mesma irá garantir a conclusão da investigação e posterior concretização dos objetivos propostos.

2. CORPO DE QUESTÕES

Segue-se o corpo de questões a realizar.

Questão n.º 1

- Concorda com a os problemas apresentados para a resposta a ameaças híbridas: reduzido tempo para reação, identificação inequívoca do instrumento de poder afetado e a legitimidade do uso do instrumento militar?

Resposta:

Se considerarmos que as ameaças híbridas combinam atividades convencionais e não-convencionais, militares e não militares, utilizadas de forma coordenada por atores estatais e não-estatais, recorrendo ainda a campanhas multidimensionais que combinam medidas coercivas e subversivas, com vista ao alcance de objetivos políticos, a resposta é, em sentido lato, sim. No entanto, tendo em conta que a sua natureza é complexa, é difícil definir que tipo de ocorrências podem ser efectivamente classificadas de híbridas, podendo dizer-se que estão incluídas a quase totalidade das realidades conflituais, incluindo as campanhas mediáticas, a utilização de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares, os ciber-ataques contra os sistemas informáticos de infraestruturas estratégicas ou a utilização da subversão enquanto processo de gestão da violência.

Em concreto, sobre a questão colocada, “os problemas apresentados para a ameaças híbridas”, pode-se afirmar que a dissuasão tradicional se apoia nos recursos militares convencionais. Porém, os recursos militares convencionais não são suficientes para fazer prevalecer a identidade e soberania de um Estado perante o quadro de uma ameaça híbrida.

As ameaças híbridas requerem uma abordagem diferente, a qual obriga a uma estratégia de defesa mais abrangente.

Penso que é necessário que as Forças Armadas desenvolvam as suas capacidades não convencionais de defesa e consigam estender as mesmas a outros vectores de promoção de Defesa e Segurança do Estado.

Nesse sentido, o Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE) constitui-se como um importante actor, no âmbito da dissuasão não convencional em Portugal.

Questão n.º 2

- Considera importante a participação de militares do Estado-maior da Força de Operações Especiais em grupos de investigação para o desenvolvimento da doutrina do emprego de Operações Especiais no combate às ameaças híbridas (AH)?

Claramente que sim.

Resposta:

Considero importante e fundamental.

O CTOE é uma das organizações com maiores recursos e competências para cooperar e/ou operacionalizar uma estratégia de ambiente não convencional, tendo em conta que possui essa capacidade (traduzida na Força de Operações Especiais), e o conhecimento (competência de formação). O desenvolvimento dessa doutrina no emprego de Operações Especiais no combate às ameaças híbridas inclui-se nessas competências.

Questão n.º 3

- Tem sido ministrado o *Countering Hybrid Threat Course*, na NATO SOF School, em Chièvres. Este é um curso de curta duração, 2 semanas que visa preparar militares e civis para o planeamento de uma estratégia de prevenção e combate destas ameaças. Os militares da FOEsp têm participado neste curso? Como tem sido a atualização da doutrina nacional em face das experiências colhidas?

Resposta:

No que ao CTOE diz respeito, não tem havido participação neste curso específico, bem como nalguns outros, com a frequência desejada. A causa não tem sido por falta de solicitação de formação do CTOE em organizações internacionais, mas outros “imperativos se levantam” e por vezes a falta de recursos financeiros é um constrangimento na gestão de formação externa do Exército.

Como nota complementar nesta área de formação, a nível interno, o CTOE tem na sua agenda, a breve trecho, a reformulação de dois cursos à sua responsabilidade: o Curso de Operações Irregulares (COIR) e o Curso de Prevenção e Combate a Ameaças Terroristas (CPCAT). A necessidade desta atualização/reformulação deve-se à sua relevância e considerando, também, as ameaças terroristas transnacionais e as ameaças híbridas, bem como a aplicabilidade presente dos princípios de emprego de qualquer Força Militar e a atuação num espaço de batalha com geometria difusa.

(Ver Anexo)

Questão n.º 4

- Quais são os sistemas de partilha de informação (i.e., NSWAN), em uso, pela Força de Operações Especiais e com quem estabelece ligação?

Resposta:

A Força de Operações Especiais não possui sistemas de partilha de informação dedicados e classificados, a par das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército. Mas a sua existência seria fundamental para um maior desenvolvimento desta força.

A Célula de Planeamento de Operações Especiais (CPOE), do CCOM/EMGFA é o órgão que tem essa capacidade, com capacidade de ligação ao Comando NATO de Operações Especiais e outras forças congéneres de países amigos.

Questão n.º 5

Projeta-se estabelecer com os Sistemas de Informação Nacional um sistema de partilha? E com Elementos de Operações Especiais da NATO e nacionais, como o caso da Companhia de Operações Especiais da GNR ou o Grupo de Intervenção de Operações Especiais (GIOE) da PSP?

Resposta:

Não. A partilha de informação com essas forças é informal.

No entanto, com o Destacamento de Ações Especiais (DAE) da Marinha, que está também incluindo na estrutura operacional da CPOE, a informação flui diretamente ou através deste órgão.

Questão n.º 6

- Projeta-se a criação de cenários para o combate às ameaças híbridas?

Resposta:

Não especificamente dedicado para este tipo de ameaças.

No entanto, tendo em conta as possibilidades da Força de Operações Especiais, a resposta é positiva.

Possibilidades da FOE:

1. Conduzir operações:

-Em todo o espectro das operações militares, no cumprimento das suas missões,

-De forma aberta, coberta ou discreta,

-De forma independente ou em coordenação com forças convencionais,

-Em território hostil, garantindo autoproteção, sobrevivência ou fuga e evasão do mesmo,

-Utilizando meios terrestres, aéreos ou aquáticos para Infiltração e exfiltração numa Área de Operações,

-Garantindo comunicações seguras com os seus efetivos projetados numa Área de Operações;

2. Integrar uma Estrutura Conjunta e Combinada constituindo um Task Group de Operações Especiais;

3. Participar em:

-Operações de Combate Search and Rescue (CSAR),

-Operações de Resposta a Crises,

-Operações de redução de outras ameaças, nomeadamente em operações de combate ao terrorismo,

-Participar em projetos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força.

Questão n.º 7

- Têm-se realizado treinos conjuntos ou combinados com forças nacionais e internacionais com o Destacamento de Ações Especiais da Marinha e o, no âmbito do combate a AH?

Resposta:

Não especificamente dedicado para este tipo de ameaças. Similarmente à resposta

anterior, a Força de Operações Especiais realiza treinos conjuntos e combinados dentro da sua missão e tarefas que executa, abrangendo inerentemente a temática de ameaças deste estudo.

Questão n.º 8

Face à capacidade de atuação das ameaças híbridas que, atuando na “grey zone”, lhes possibilita afetar os alvos visados sem que estas as consigam detetar, utilizando meios não convencionais, já houve se realizaram ou se planearam exercícios com a participação de elementos do EM da FOEsp diretamente ligados ao nível de decisão estratégica nacional?

Resposta:

A estrutura do Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM) do EMGFA possui uma Célula de Planeamento de Operações Especiais (CPOE), que se constitui como componente funcional de operações especiais e tem por missão garantir ao CEMGFA o apoio no planeamento, integração e sincronização da preparação e emprego das forças de operações especiais. Incluem-se também exercícios com forças militares internacionais congéneres.

A Componente de Operações Especiais é uma estrutura orgânica do EMGFA, constituída por um SOJTG e um Cmd/EM, que tem por base a CPOE.

No âmbito desta Componente, o encargo do CTOE passa por reforçar o seu Comando e EM reforçar o Estado-Maior do Special Operations Task Group conjunto, e possuir em prontidão uma Special Operations Task Unit.

Questão n.º 9

Na atividade operacional da Força de Operações Especiais, tem decorrido exercícios em que as *Task Units* estabelecem ligação com a população, participando ativamente na melhoria da sua capacidade de autodefesa e deteção de sinais de alarme identificativos de ameaças híbridas?

Resposta:

Não.

Questão n.º 10

- Acha possível a implementação de treinos de forma a pôr em prática, analisar e verificar as falhas do desenvolvimento feito pelo grupo de investigação do IUM para melhorar doutrina do

EP no CAH?

Resposta:

Não conheço em pormenor o trabalho que está a ser realizado pelo IUM nesta área.

No entanto, como princípio geral, em sentido lato, a execução de treinos, exercícios ou qualquer outro evento prático, é um procedimento normal para validar/testar a “doutrina”. A sua exequibilidade dependerá sempre da sua intenção e da criação de condições para que tal se concretize.



ACADEMIA MILITAR

Guião de Entrevista

A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade

Autor: Aspirante de Infantaria Rui Ribeiro

Orientador: Major de Artilharia Diogo Lourenço Serrão

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2021

Eu sou o Aspirante de Infantaria Ribeiro e encontro-me a realizar uma investigação, no âmbito do TIA, subordinado ao tema “A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade”. Agradeço antecipadamente a disponibilidade e toda a colaboração prestada, considerando a sua intervenção muito relevante para a condução da investigação.

Os objetivos desta investigação são os seguintes:

- ✓ Identificar principais características das ameaças híbridas no contexto operacional.
- ✓ Analisar a capacidade das Operações Especiais Portuguesas.
- ✓ Analisar a empregabilidade / adequabilidade das Operações Especiais Portuguesas no Combate às Ameaças Híbridas.
- ✓ Análise das capacidades das Operações Especiais Portuguesas na Guerra Híbrida de acordo com a tipologia da missão a executar, e subseqüentes potencialidades e limitações.

Aspetos Deontológicos

A entrevista terá uma duração de cerca de 15 minutos.

1. INTRODUÇÃO

Como referido anteriormente, esta entrevista tem o objetivo de recolher informações de forma a complementar e desenvolver o Trabalho de Investigação Aplicada, subordinada ao tema indicado. É de extrema importância a realização desta entrevista visto que a mesma irá garantir a conclusão da investigação e posterior concretização dos objetivos propostos.

2. CORPO DE QUESTÕES

Segue-se o corpo de questões a realizar.

Questão n.º 1

- Na sua ótica, a complexidade da Hybrid Threat Toolbox (Propaganda, Redes Sociais,

Fake News, Influencia dos meios de media domésticos, Fugas de Informação Estratégicas, Financiamento de Organizações, Partidos Políticos contra o poder, Movimentos de Protesto organizados, Ferramentas cibernéticas, Sansões Económicas, Proxies, Organizações Paramilitares, Sincronização de Ferramentas) leva ao empenhamento de forças de caracter igual, ao da FOE? Justifique.

Resposta: **Concordo se consideramos apenas o Exército, mas o cenário ideal seria a aplicação de uma força que se combina todos as forças desta tipologia.**

Questão n.º 2

- Concorda com a os problemas apresentados para a resposta a ameaças híbridas: reduzido tempo para reação, identificação inequívoca do instrumento de poder afetado e a legitimidade do uso do instrumento militar?

Resposta: **Concordo**

Questão n.º 3

- Na sua opinião, considera as missões da FOE, Assistência Militar, a mais importante no combate a AH? Justifique.

Resposta: **Considero, mas esta Assistência Militar só se deve considerar a nível FOE, porque para o cumprimento da Assistência Militar a nível FOE tem que se ter em conta que existem SOTU a fazerem Ação Direta ou Indireta, para o cumprimento da missão**

Questão n.º 4

- Como é feita e por quem é feita a defesa dos órgãos representativos dos pilares de poder da estratégia total do Estado?

Resposta: **Pelo GOE (Grupo de Operações Especiais) da PSP.**

Questão n.º 5

- Como é feito o Aconselhamento de Forças/Populações dentro de território nacional, quer na forma de Operações Psicológicas, quer na vertente Aconselhamento, Assessoria e Treino? Tem havido Exercícios para praticar tais procedimentos?

Resposta: **Só é feito treino quando a FOE esta em aprontamento para missões com esse cenário. Não tem existido Exercícios.**

Questão n.º 6

- De que forma treina a FOE para ações no espectro do conflito da Grey-Zone?

Resposta: **Com todos os seus treinos porque tudo que a FOE faz concorre para todas as fases do conflito não convencional, incluindo a Grey-Zone.**

APÊNDICE C – GUIÃO DE ENTREVISTA - OUTROS



ACADEMIA MILITAR

Guião de Entrevista

A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade

Autor: Aspirante de Infantaria Rui Ribeiro

Orientador: Major de Artilharia Diogo Lourenço Serrão

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2021

Eu sou o Aspirante de Infantaria Ribeiro e encontro-me a realizar uma investigação, no âmbito do TIA, subordinado ao tema “A Importância das Forças de Operações Especiais na Guerra Híbrida na Atualidade”. Agradeço antecipadamente a disponibilidade e toda a colaboração prestada, considerando a sua intervenção muito relevante para a condução da investigação.

Os objetivos desta investigação são os seguintes:

- ✓ Identificar principais características das ameaças híbridas no contexto operacional.
- ✓ Analisar a capacidade das Operações Especiais Portuguesas.
- ✓ Analisar a empregabilidade / adequabilidade das Operações Especiais Portuguesas no Combate às Ameaças Híbridas.
- ✓ Análise das capacidades das Operações Especiais Portuguesas na Guerra Híbrida de acordo com a tipologia da missão a executar, e subseqüentes potencialidades e limitações.

Aspetos Deontológicos

A entrevista terá uma duração de cerca de 15 minutos.

3. INTRODUÇÃO

Como referido anteriormente, esta entrevista tem o objetivo de recolher informações de forma a complementar e desenvolver o Trabalho de Investigação Aplicada, subordinada ao tema indicado. É de extrema importância a realização desta entrevista visto que a mesma irá garantir a conclusão da investigação e posterior concretização dos objetivos propostos.

4. CORPO DE QUESTÕES

Segue-se o corpo de questões a realizar.

Questão n.º 1

- Concorda com a os problemas apresentados para a resposta a ameaças híbridas: reduzido tempo para reação, identificação inequívoca do instrumento de poder afetado e a legitimidade do uso do instrumento militar?

Resposta:

Se considerarmos que as ameaças híbridas combinam atividades convencionais e não-convencionais, militares e não militares, utilizadas de forma coordenada por atores estatais e não-estatais, recorrendo ainda a campanhas multidimensionais que combinam medidas coercivas e subversivas, com vista ao alcance de objetivos políticos, a resposta é, em sentido lato, sim. No entanto, tendo em conta que a sua natureza é complexa, é difícil definir que tipo de ocorrências podem ser efectivamente classificadas de híbridas, podendo dizer-se que estão incluídas a quase totalidade das realidades conflituais, incluindo as campanhas mediáticas, a utilização de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares, os ciber-ataques contra os sistemas informáticos de infraestruturas estratégicas ou a utilização da subversão enquanto processo de gestão da violência.

Em concreto, sobre a questão colocada, “os problemas apresentados para a ameaças híbridas”, pode-se afirmar que a dissuasão tradicional se apoia nos recursos militares convencionais. Porém, os recursos militares convencionais não são suficientes para fazer prevalecer a identidade e soberania de um Estado perante o quadro de uma ameaça híbrida. As ameaças híbridas requerem uma abordagem diferente, a qual obriga a uma estratégia de defesa mais abrangente.

Penso que é necessário que as Forças Armadas desenvolvam as suas capacidades não convencionais de defesa e consigam estender as mesmas a outros vectores de promoção de Defesa e Segurança do Estado.

Nesse sentido, o Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE) constitui-se como um importante actor, no âmbito da dissuasão não convencional em Portugal.

Questão n.º 2

- Considera importante a participação de militares do Estado-maior da Força de Operações Especiais em grupos de investigação para o desenvolvimento da doutrina do emprego de Operações Especiais no combate às ameaças híbridas (AH)?

Claramente que sim.

Resposta:

Considero importante e fundamental.

O CTOE é uma das organizações com maiores recursos e competências para cooperar e/ou operacionalizar uma estratégia de ambiente não convencional, tendo em conta que possui essa capacidade (traduzida na Força de Operações Especiais), e o conhecimento (competência de formação). O desenvolvimento dessa doutrina no emprego de Operações Especiais no combate às ameaças híbridas inclui-se nessas competências.

Questão n.º 1

- Na sua ótica, a complexidade da Hybrid Threat Toolbox (Propaganda, Redes Sociais, Fake News, Influência dos meios de media domésticos, Fugas de Informação Estratégicas, Financiamento de Organizações, Partidos Políticos contra o poder, Movimentos de Protesto organizados, Ferramentas cibernéticas, Sanções Económicas, Proxies, Organizações Paramilitares, Sincronização de Ferramentas) leva ao empenhamento de forças de carácter igual, ao da FOE? Justifique.

Resposta: Tendo em consideração a abordagem holística que se deve ter na luta contra uma ameaça deste género eu acredito que as Forças de Operações Especiais têm um papel fundamental a desempenhar. Não apenas devido à tipologia de missões que lhe podem ser atribuídas, mas também pelo carácter flexível no seu emprego.

Questão n.º 2

- Concorda com a os problemas apresentados para a resposta a ameaças híbridas: reduzido tempo para reação, identificação inequívoca do instrumento de poder afetado e a legitimidade do uso do instrumento militar?

Resposta: Sim. O tempo que leva a identificar com sucesso uma ameaça ou um ataque de características híbridas faz com o tempo de reação para uma resposta assertiva, por parte das entidades competentes, seja relativamente curto. Este tipo de problemática afeta o emprego do instrumento militar devido à legitimidade de emprego do mesmo em território nacional. Requerendo legislação flexível e adequada ao tempo de resposta.

Questão n.º 3

- Na sua opinião, considera as missões da FOE, Assistência Militar, a mais importante no combate a AH? Justifique.

Resposta: **Na minha opinião não, porque toda a tipologia de missões das Operações Especiais poderão desempenhar um papel importante em prol do combate a uma ameaça híbrida. Para além da Assistência Militar poderá haver a necessidade de executar missões de Ação Direta, Reconhecimento Especial e/ou Ação Indireta.**

Questão n.º 4

- Como é feita e por quem é feita a defesa dos órgãos representativos dos pilares de poder da estratégia total do Estado?

Resposta: **Desconheço.**

Questão n.º 6

- Como é feito o Aconselhamento de Forças/Populações dentro de território nacional, quer na forma de Operações Psicológicas, quer na vertente Aconselhamento, Assessoria e Treino? Tem havido Exercícios para praticar tais procedimentos?

Resposta: **Desconheço a existência de tais aconselhamentos em território nacional assim como de exercícios**

Questão n.º 7

- De que forma treina a FOE para ações no espectro do conflito da Grey-Zone?

Resposta: **O treino desenvolvido pela FOE tem sido de acordo com a sua necessidade de emprego dentro do seu espectro de missões. Não existe um treino específico para a luta contra ameaças híbridas, visto este tipo de ameaças não ser combatido unicamente e em regime de exclusividade pelas Operações Especiais ou pelas Forças Armadas. Sendo o combate a uma ameaça híbrida executado de forma abrangente por várias entidades, as Forças de Operações Especiais devem estar aptas a executar ações dentro do seu âmbito**

ANEXO A – Fotos. Do Exercício Flintlock 2020 da FOE



Figura 5- Mapas_Areas_Exercício



Foto 1- Cidade de Atar



Foto 2- Close Quarters Shooting



Foto 3- Close Quarters Battle



Foto 4 - Close Quarters Shooting



Foto 5- Close Quarters Combat